

MJ - DPF - DDDP - BSB

RS

22 AGO 09 50 E 002872

RECEBIDO POR  
ASSOCIAÇÃO

DIVISÃO DE CENSURA DE  
DIVERSÕES EDUCATIVAS - DPF  
CTF Nº 1125

Atividades Artísticas

A FARSA DA ESPOSA PERFEITA

de Edy Lima

JURANDIR ALLIATTI  
RUA CARLOS VON KOSERITZ, 930  
FONE 42-68-82  
90.000 PORTO ALEGRE RS

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PRIMEIRO ATO

Cenário único: Sala de rancho pobre, com mobiliário escasso. É sala e cozinha, pois ao fundo há um fogão de tijolos. Porta à esquerda, comunicando com as dependências internas do rancho. Janela ao fundo. Porta à direita, abrindo para o pátio lateral que faz parte do cenário e onde se desenvolvem algumas cenas. A história se passa em Bagé, Rio Grande do Sul (fronteira Brasil-Uruguai). Sirvano, moço e bem apessoado, com indumentária pobre e que vagamente marque é gaúcho, mas sem acentuar demasiado a roupa típica. (Não usa botas, mas alpercatas). Entra pela porta esquerda, quando abre o pano. É seguido por SIA NOCA, preta, com certos traços de beleza e que não lembre a curandeira convencional. Da P.E. para o interior do rancho SIA NOCA faz uma espécie de final de benzedura com um raminho de arruda que traz na mão.

SIRVANO - (ansioso) Será que ele se apruma?

SIA NOCA - Quando estas mãos benzem, tudo clareia.

SIRVANO - Só pode ter sido oio grande. Tava num estadão, uma lindeza e sem mais aquela derreou, nem levanta a cabeça.

SIA NOCA - (Esfregando os quadris como sentindo os rins doloridos) Éta carroça danada que tu arranjou pra me carregar, hein! Nem que eu fosse abóbora. Três léguas de solavanco, só mesmo pra te ajudar.

SIRVANO - (Continua com o pensamento anterior, sem tomar conhecimento da fala dela.) Desde ontem que não quer mais comer.

SIA NOCA - Pior do que ele, tava tu quando me apareceste gaudério e sem pouso certo e que te pus pra dentro do rancho até arribares.

SIRVANO - Ele não vai morrer, vai?

SIA NOCA - Pois se tou dizendo que tu tava em piores condições.

SIRVANO - Mais o cause é que a rinha tá amarrada pro domingo.

SIA NOCA - Se até passado amanhã ele não se apruma, tu abre a parada.

SIRVANO - A rinha é de parada morta. O que arrepiar o pelo tem que pagar como se fosse o perdedor.

SIA NOCA - Pior do que pagar é levar o galó morre morrendo pra brigar, fica sem galo que ele estica a canela por lá mesmo e perde a rinha.

SIRVANO - Não faz idéia que flor de galo que ele é. Se tiver no seu estado leva tudo de vencida.

SIA NOCA - (Espia na P.E. como a olhar o galo doente) Oigalé, que tá derreado. Mais a benzedura é das boas. Em todo o caso se ele continuar empalamado tu vai me buscar de novamente.

SIRVANO - Não pode ir-se embora e largar o coitado ao Deus dará, perigando morrer de noite sem recurso.

SIA NOCA - Entences são outros falares e carece acertar o preço da consulta, que tava ansim (Mostra nos dedos juntos a quantidade de trabalho que tinha para fazer) de trabalho a mia espera e larguei tudo no más por te servir.

SIRVANO - É fora de propósito querer cobrar de mim.

SIA NOCA - Home foi feito pra pagar.

SIRVANO - A saída que tem é se quedar por aqui e por ele em condição de entrar na rinha, ganhar e eu ter com que te pagar os préstimo.

SIA NOCA - Sirvano, eu te conheço não é de hoje e tu nunca prestou a não ser pra bandalheira.

SIRVANO - (Espia pela P.E. como a olhar o galo doente) Não diga uma coisa dessas. Olhe ali o pobre do bichinho tá com uns tremelique esquisito. Atenda ele! Tome uma providência.

SIA NOCA - (Espia o galo) Isso é a reação da benzedura. (Sai P.E.)

(Pelo pátio lateral, comunicação com o exterior, entra Olalia, mulher de Sirvano, jovem, bonita, mas maltratada. Pés descalços, desgrenhada, com uma trouxa de roupa na cabeça, vem voltando do riacho onde passou o dia lavando. Chega na P.D. quando Sia Noca já saiu pela P.E. e Sirvano ia segui-la, mas se detém ao ver Olalia).

SIRVANO - Tu tem algum dinheiro de teu, Olalia?

OLALIA - Que é isso home, assucedeu alguma desgraça?

SIRVANO - Tu não faiz uma idéia, em seguida que tu saiu hoje cedo o coitado se pôs a piorar, tive nas duas e nas três de ir te chamar...

OLALIA - Devia ter ido. Quanto mais não fosse pra te confortar (Olalia, durante estas falas e as seguintes, arranja as roupas lavadas sobre a mesa, pega o ferro de passar roupa e tira brasas do fogo para pôr no ferro, sopra o ferro como fazem as lavadeiras e o põe na janela para que o vento atice as brasas. Enquanto deixa

o ferro na janela serve-se de um amargo. Revirando ligeiramente a erva para renová-la, como é hábito quando se vai tomar um chimarrão com a mesma erva já usada e que ainda está na cuia).

SIRVANO - Me alembrei que era de mais valimento ir campear a sia Noca, benzedeira, por isso é que careço de dinheiro.

OLALIA - Bem pensado, Sirvano. Eu sei que tu tem cabeça boa, nem por otra contrarisei meu pai e fugi de casa em tua companhia...

SIRVANO - O causo do galo é mui sério, se ele estica as canela tou com o futuro cortado.

OLALIA - Vira a boca pra otro lado. Tu não nasceu pra peão changueiro que nem os meus irmãos ou essa moçada que anda por aí; tu é um predestinado, vai ver como tudo se arranja.

SIRVANO - Olalia, o que tu vê de bom em mim é reflecho teu. Tu não é feita do mesmo barro das ôtras. (Pega a cuia da mão dela e continua tomando o chimarrão).

SIA NOCA - (Entrando P.E.) Que tal, Olalia, como le vai?

OLALIA - Bom zóio le veja. Pensei que o Sirvano agora no mais é que ia le buscar, mas se já tá aí dou o galo por salvo.

SIA NOCA - Já tenho posto em pé gente em pior estado que ele, mais o biebi nho não tá bom...

SIRVANO - (Sobe num banquinho e procura alguma coisa em cima do armário)

OLALIA - (Para Sirvano) Que tá campeando aí em riba, home?

SIRVANO - A faca de cabo de prata que era do teupai.

OLALIA - Tá delirando? Pois não foi ela que tu passou nos cobre pra comprar o galo aquele?

SIRVANO - E o dinheiro, como é que vai ser?

OLALIA - (Começando a passar roupa) Corre na casa de D. Eustáquia mia freguesa e pede dinheiro do lavado adiantado, alega que é um caso de percisão.

SIRVANO - (Ganha rápido a P.D. e atravessa o pátio para sair)

SIA NOCA - (Medindo Olalia com os olhos) Quem te viu e quem te vê! Adonde tá aquela moçoila de fita no cabelo e vestide a capricho?

OLALIA - (Sopra o ferro de passar roupa de modo que a fumaça vai por acaso, toda na cara de sia Noca) Por que não dá um jeito nele?

SIA NOCA - No teu marido?

OLALIA - Tô falando de salvar o galo pra ganhar a rinha.

SIA NOCA - Pra ti era capaz de ser um bom arreglo que esse bicho morresse e acabasse de uma vez por todas com essas histórias de rinha e o Sirvano fosse trabalhar no que serve.

OLALIA - (Passando a roupa) Sirvano não é um qualquer que trabalha por di-  
 nheiro, tem que ser por gosto. Se o galo morrer é capaz que ele  
 se apegue no cartelo ou noutra vício entonces...

SIA NOCA - (Servindo-se de um chimarrão) Com quem ele atou a parada da  
 rinha?

OLALIA - (Passando roupa violentamente) Com o Zeca do boliche.

SIA NOCA - Tu não é feia, tu tá é mui maltratada. No meu entender tu puxa  
 pareio com o Sirvano, tu também não foi feita pra trabalhar no  
 pesado.

OLALIA - Tá dizendo isso porque sabe que o Zeca arrastou a asa pra mim nos  
 meus tempo de soltera.

SIA NOCA - Se sabia não me alembrava, mas vem de encontro aos meus pensa-  
 mentos.

OLALIA - Tou adivinhando o seu pensar. Lá isso é de veras, se eu rogasse  
 pro Zeca ele desatava a parada da rinha sem perjuizo pro Sirvano.

SIA NOCA - A tua freguesa pra donde o teu marido se atirou fica longe?

OLALIA - Coisa pouca. Em seguida ele tá aí.

SIA NOCA - Deixa por mia conta que dou um jeito de afastar ele daqui por  
 um bom pedaço de tempo.

OLALIA - Mais eu não vou pedir bexiga pro Zeca, o Sirvano não havera de  
 gostar.

SIA NOCA - E ele precisa ficar sabendo?

OLALIA - O cause é que quero muito ao Sirvano.

SIA NOCA - Por muito querer é que tu deve cuidar da felicidade dele.

OLALIA - Tou empegando a le entender.

(Pela P.D. entra Sirvano furioso)

SIRVANO - Aquela velha balofa, scvina, calavera, agarrou e disse que não  
 tem dinheiro pra dar eu adiantamento de lavado.

OLALIA - Pois vou agorinha já tomar satisfação e largo de lavar prela...

- SIA NOCA - (Detendo Olália) Não se alterem. Se o dinheiro era pra pagar meus préstimos, mudei de pensar, abro mão do ganho e me quedo até o galo tomar uma decisão.
- SIRVANO - Gracias. E que tal tá ele? (Corre para a P.E. para espiar o galo) Bombeie, sia Noca, tá malito o pobre.
- SIA NOCA - (Também espiando pela P.E.) Tá nada. Deixa por mia conta, tu percisa é ir inté mia casa...
- SIRVANO - (Cortando) A la meula! São três legua pra ir e três pra voltar e já tá na boca da noite.
- SIA NOCA - Que se hai de fazer, é pra ir buscar um remédio que o galo carece.
- SIRVANO - Entonces o cause muda de figura.
- OLALIA - Vou perparar um fiambre pra tu comer no caminho (Olália, no fogão, tira um pedaço de charque assado de dentro da panela e coloca-o numa bolsa de viagem, das que os gaúchos usam na garupa do cavalo).
- SIA NOCA - Pra abrir é só dá um empurrãozinho ansim de lado e erguer a porta ao mesmo tempo, que a tramela cai. Tu entra e pega da gaveta da mesa de almoço um embrulhinho em papel pardo...
- SIRVANO - Dá cá o fiambre. Olália, que quero abrir cancha antes que escureça de um tudo.
- OLALIA - Péra um pôco (Mistura farinha de mandioca com a carne).
- SIA NOCA - (Continua a falar com Sirvano como se não tivesse havido interrupção) E quando tu sair não esquece de fechar a porta, puxando a tramela com um pedaço de arame que tá dipindurado num prego bem junto da porta, pro lado de fora...
- SIRVANO - (Espião o galo) Será que ele se apruma pro domingo?
- SIA NOCA - Não carece estafar o cavalo, galopando, que o remédio é pra tomar no clareá de dia.
- OLALIA - Tá aqui o fiambre (Sirvano pega a bolsa com o fiambre e também um poncho pala que estava dependurado num prego na parede, põe o poncho sobre os ombros e dirige-se para a porta da direita).
- SIRVANO - Até logo mais. (Sai P.D.)
- SIA NOCA - (Da P.D. fala para Sirvano que atravessa o pátio) Na passagem dá um pulo no boliche do Zeca e diz pra ele vim aqui e trazer uma garrafa de cans pruma benzedura.

SIRVANO - O Zeca não traz, a rinha é com o galo dele.

SIA NOCA - Diz prêle que é pra fazer uma benzedura na tua muié, que tu não pode voltar pra mode ter que ir inté mia casa. Vai ver como ele traz.

SIRVANO - Posso me fiar nisso e ir de ponto fixe pra sua casa?

SIA NOCA - Pode ir despacito e voltar lá pelo amanhecer, nem vem antes que tu estafa o cavalo que te emprestaro. (Sirvano sai em direção ao fundo, Sia Noca volta-se para dentro da sala e começa a juntar a roupa por passar que estava em cima da mesa).

OLALIA - Que tá fazendo? Perciso planchar essa rôpa inda hoje, pra entregar amanhã de manhã.

SIA NOCA - (Fazendo uma trouxa com a roupa) Se tu adocesse não entregava, pois é o causo. Faz de conta que tu tá amolada.

OLALIA - Pomba! Até parece agouro.

(Jesuíno, 60 anos, gaúcho abastado, usa botas, mas afora isso nada mais que carregue nas tintas do traje típico, atravessa o pátio)

JESUÍNO - Ó de casa (Sia Noca faz gesto com a cabeça para Olalia indagando quem é).

OLALIA - É o seu Jesuíno. Ó velho que amola com esse lavado dele!

JESUÍNO -(Bate na P.D.)

SIA NOCA - Vou sair de fino, que se esse povo sabe que tou na querência não pára mais de cargosear com consultas e eu to aqui em missão particular, só pra atender o galo no mais. (Sai P.E. Simultaneamente com a fala de sia Noca começa o latido de um cachorro e os gritos de Jesuíno)

JESUÍNO - Já prá lá!

OLALIA - (Abre a P.D.) Passe

JESUÍNO - (Apaixonado por Olalia) Como le vai, d. Olalia?

OLALIA - Desde de-já-hoje quando nós se encontremo no arroio, que o senhor foi levar sua camisa pra lavar, tou passando bem.

JESUÍNO - Mais vale ansim.

OLALIA - Inda que mal pregunte, veio cá em casa porque tá carecendo dos meus préstimo?

JESUÍNO - É o caso da camisa aquela... Se não fosse incômodo ia precisar dela pra mode de um baile de assalto que vamo levar a efeito na casa de seu Praxedes.

(Todo o tempo Jesuíno procura aproximar-se mais do que o devido de Olalia, que foge com o corpo em silêncio).

OLALIA - Tou mui atrapalhada hoje com o assunto do galo de rinha que tá doente... (Procura no meio das roupas a camisa de Jesuíno).

JESUÍNO - Se precisar dos meus préstimo, posso dar uma ajuda que toda a mia vida tenho criado galo de rinha.

OLALIA - Não carece.

JESUÍNO - Quisera que visse o galo que tou perparando. Por estas banda nunca se viu otro igual. Quando aquilo pisar na bacia do rinha-deiro os demais galos ficam corrido. (Olalia termina de passar a camisa e entrega para ele).

OLALIA - Aqui tem sua camisa.

JESUÍNO - Gracias, d. Olalia. (Tenta pegar-lhe o braço quando ela lhe estende a camisa).

OLALIA - (Retira o braço e indaga áspera) Tá carecando de algo mais, seu Jesuíno?

JESUÍNO - De alegrar o zóio com sua presença no mais.

OLALIA - O caso é que tou mui atarefada, me adisculpe. (Faz menção de sair pela P.E.)

JESUÍNO - Ja vou me arretirar. Buenas, d. Olalia.

OLALIA - Buenas.

JESUÍNO - Quer prender o cachorro?

OLALIA - Vamo. (Sai na P.D. à frente dele e psada para a direita como para prender o cachorro, do qual ouvem-se os latidos. Jesuíno dirige-se para o fundo. Olalia volta para a sala. Chama na P.E.) Sia Noca pode vir que o seu Jesuíno já se foi.

SIA NOCA - (Entrando pela P.E.) Corre vai te trocar que tu já perdeu muito tempo.

OLALIA - Trocar pra que?

SIA NOCA - Ué! O Zeca vem aí.

OLALIA - E entonces?

SIA NOCA - (Entrouxando novamente as roupas) Pra que tu pensa que mandei o Sirvano no meu rancho lá naquela distância?

OLALLIA - Uai! Que tem uma coisa com a ôtra?

SIA NOCA - Pra aprumar a vida do teu marido, tu tem que salvar o galo de rinha e o caminho vai ser o Zeca.

OLALLIA - Mais eu não posso...

SIA NOCA - Bobage, tá pensando que dêxa marca na alma? Não dêxa nem no corpo.

OLALLIA - Não dêxa mesmo, por causa que eu não vou fazer o que a senhora tá pensando.

SIA NOCA - Ainda diz que gosta do marido.

OLALLIA - Pois duvida?

SIA NOCA - Não hai bem querer quando não se dá prova.

OLALLIA - Por amor dele fugi de casa, dei esse desgosto pro meu pai que Deus haja e pra mãe que já me perdoou, enjeitei de casar com o Zeca que tem boliche sortido e bem montado e me pus na estrada com o Sirvano de a pé mesmo, que não havia cavalo pra que eu montasse na garupa.

SIA NOCA - Isso prova que tu gostava dele quando te casou com ele, mais não quer dizer que por ora inda goste.

OLALLIA - E que mais falta?

SIA NOCA - Ajudar o home num caso de percisão.

OLALLIA - (Assenhorando-se da trouxa de roupa) E porque é que acha que me esfalfo lavando pra fora senão pra dar margem a ele viver a vida que quer de criador de galo de rinha?

SIA NOCA - O galo é que não vai viver pra dar essa alegria pro coitado do Sirvano.

OLALLIA - Salvar o galo tá nos seus poderes e não nos meu.

SIA NOCA - Eu tou aqui, largando mão dos meus quefazeres pra ajudar no mal e pobre Sirvano tá na estrada curtindo frio e spanhando sereno pra ir buscar remédio e só tu é que não quer auchiliar em nada...

OLALLIA - O meu ajutério é passar essa trouxa de rôpa.

SIA NOCA - Isso não vai dar novo alento pro galo, nem pagar a aposta. Se tu gostasse mesmo dele tu deixava de lado o orgulho e pedia pro Zeca...

OLALIA - Não é por orgulho, nem por mim mesma, mais não faço fé...

SIA NOCA - Se o causo é esse, eu combino antes com o Zeca prele abrir a parada.

OLALIA - E se o Sirvano descobre?

SIA NOCA - Ele vai ficar tão entertido em ganhar nas rinhas, tratar da pecca de galos que vai se agachar a comprar e mais a satisfação de ver tu bem apessuada que nem que fosse ôtro muito mais virachado que o Sirvano não se dava conta.

OLALIA - A senhora garante?

SIA NOCA - Quem garante não sou eu, são todos os maridos que andam por aí.

OLALIA - Pela felicidade do Sirvano eu faço qualquer negócio.

SIA NOCA - Entences vai te trocar, que não demora o Zeca tá apeando aí com a garrafa de canha (Olalia sai P.E. Sia Noca guarda as roupas lava das e depois pega uma vassoura e varre a sala resmungando) É a má sorte que tou barrendo é a má sorte que tou barrendo. (Olalia volta, abotoando o vestidinho novo). Tu não tem sapato pra pôr nos pé?

OLALIA - E se o Sirvano voltar e me encontrar toda endomingada?

SIA NOCA - Ele não volta.

OLALIA - E se voltar? Se o Zeca alegar que não pode trazer a canha e ele mesmo quiser trazer?

SIA NOCA - Tu nem parece muíé, será que tu não sabe arranjar uma desculpa?

OLALIA - Eu nunca boto este vestido em casa?

SIA NOCA - Pois se ele voltar tu diz que te trocaste pra dar uma alegria pro zóio dele no mais.

OLALIA - Logo no dia que o galo tá morrendo?

SIA NOCA - Se não fosse o causo tu não percisava de agradar o Zeca.

OLALIA - Coitado do Sirvano.

SIA NOCA - Dêxa de luxo, tu tá casada por bem querer e o jeito é ajudar o home nos causo de percisão (Ouve-se o som de cascos de cavalos e batida na janela do fundo) É o Zeca. (Empurra Olalia para a P.E.) Vai pentear o cabelo e calçar nem que seja umas alpragatas velha. (Abre-se a janela do fundo e aparece Sirvano).

SIRVANO - (Afobado) Sia Noca...

SIA NOCA - (Cortando) Que é que tu tá zanzando por aqui? Já te pensava no caminho, desse jeito tão mal mias encomendas e o galo estica as canela.

SIRVANO - Zeca se mostrou tão pronto em trazer a canha que fiquei com a pulga atrás da orelha.

SIA NOCA - Vai te embora que do resto eu tomo conta.

SIRVANO - E se for safadeza e ele tiver com salto?

SIA NOCA - Se ele não trocher a canha, eu mesmo vou buscar. Agora some daqui e não me aparece antes do clarear do dia, senão torço o pescoço do galo.

SIRVANO - (Passando uma perna para o lado de dentro, como para pular a janela) Aonde tá o galo?

SIA NOCA - (Empurra-o para fora) Vai te embora que pela rinha do domingo respondo eu. Se tu não ganhar te empresto o dinheiro pra pagar a aposta.

SIRVANO - Emprresta mesmo?

SIA NOCA - Mas tu tem que me dar a metade se tu ganha.

SIRVANO - Ato a parade.

SIA NOCA - E agora pé na estrada e não corre que tem tempo de voltar quando o dia for clareando.

SIRVANO - Agora me voi de veras.

SIA NOCA - (Fecha a janela e chama Olalia) Pode vir, que teu marido já tomou rumo (Pela P.E. entra Olalia com sapatos brancos de salto alto, vem penteando os cabelos)

OLALIA - São os sapatos do casamento.

SIA NOCA - (Ajudando-a a pentear-se) Tu não tem por aí um pedaço de papel encarnado pra dar uma cor no rosto?

OLALIA - Tem na bandeja de Santo Antônio, que guardei da festa em que conheci o Sirvano. (Zeca, com uma garrafa de canha na mão, atravessa o pátio).

SIA NOCA - (Para Olalia) Aonde tá?

OLALIA - Vou percurá. (Dirige-se para a P.E. Zeca bateu na P.D. Sia Noca faz gesto para Olalia apressar-se a sair. Olalia sai P.E. Sia Noca abre P.D.)

ZECA - Buenas.

SIA NOCA - Pode entrar.

ZECA - (Entrando) O Sirvano me disse que a senhora tava por aqui, tratando da Olalia que tá doente.

SIA NOCA - (Abre a garrafa) Tu quer matar o bicho?

ZECA - A canha não é pra benzedura?

SIA NOCA - Pode molhar a goela que não vai fazer falta. (Zeca pega o copo e bebe) Tu tem uma rinha amarrada com o Sirvano pro domingo, não é?

ZECA - (Levantando-se) Se isso é arranjo dele porque o galo não tá em condição, le digo mais o trato é parada morta.

SIA NOCA - Quem foi que le disse que o galo não tá perparado? O bicho tá que é uma figura.

ZECA - Entences porque tocou nesse assunto que é coisa lá entre eu e ele?

SIA NOCA - Torne a sentar, home. Malei sem tenção de arreliar.

ZECA - (Sentando-se) E le digo mais, o Sirvano vai perder o que tem e o que não tem. A rinha já tá ganha em meu favor.

SIA NOCA - Mudando de assunto, tive sabendo que tu namorou a Olalia, antes dela conhecer o Sirvano.

ZECA - Essa eu perdi pra ele, mas não perco ôtra.

SIA NOCA - Tu inda gosta dela?

ZECA - Não fica bem dizer essas coisas aqui dentro da casa do home.

SIA NOCA - Ora meu flo, dêxa de cerimônia, pra mim toda a gente conta tudo,

SIA NOCA tu sabe disso. Se eu fosse repetir os segredo, que sei não escapava nem rico nem pobre, mas eu não abro a boca.

ZECA - Se ela tivesse me plantado por coisa melhor, eu me conformava, mas por um calavera que não tem onde cair morto e dêxa a coitada de sol a sol, lavando rôpa, isso me dói.

SIA NOCA - Se tu pudesse tu dava um jeito?

ZECA - Se ela ficasse viúva, não digo que não. Senti a cabeça zunindo quan-

do sabe que ela tava doente, se ele é que precisava esticar as canela.

SIA NOCA - Não compensa desejar a morte dos ôtro, Zeca. Tenho coisa mior pra te propor.

ZECA - Vem de lá.

SIA NOCA - Fica com a moça e perde a rinha.

ZECA - Como é que disse?

SIA NOCA - Malei pôce, mas falei claro.

ZECA - A Olalia consente?

SIA NOCA - Tou te dizendo, home. Ela tá mui desiludida...

ZECA - Não le entendo quando diz que tenho que dar a rinha por ganha pro Sirvano...

SIA NOCA - Prele ficar contente, tu não vai ficar também?

ZECA - Prela é que eu queria dar um montaço de coisas bonita...

SIA NOCA - Muié casada não ganha presente de estranho.

ZECA - As rédea tão na sua mão, faça como quiser, mas le aviso, não tou no corpo do galo e se ele investir e tomar por capricho ganhar a rinha, como é que eu faço?

SIA NOCA - Quanto tu me paga pra fazer uma mandinga pro teu galo perder?

ZECA - Pagar pra perder, sia Noca, essa é nova?

SIA NOCA - Uai! Tu não tá ganhando a muié dele?

ZECA - Uns vinte pila.

SIA NOCA - Que é que tu pensa que eu sou, guri?

ZECA - E entences?

SIA NOCA - De quando foi a parada que tu combinou com ele?

ZECA - 200 pila.

SIA NOCA - É o meu preço.

ZECA - Dou em mercadoria do boliche.

SIA NOCA - Em dinheiro que não dá trabalho pra carrega.

ZECA - Dou amanhã, depois do fato acontecido.

SIA NOCA - Dá 100 agorinha, senhão deixo o dito por não dito. (Zeca tira o dinheiro e entrega para ela. Sia Noca examina a nota e guarda-a no seio)

VOZ DE OLALIA - Sia Noca, corra aqui, tá dando uma coisa no galo. (Sia Noca dirige-se apressada para a P.E.)

ZECA - Sia Noca, o galo tá doente?

SIA NOCA - Isso não vem ao caso, nem que teja morto tu tem que perder a rinha.

ZECA - A 1a manha! (Emborca outro copo de pinga).

OLALIA - (Aparece na P.E.) Sia Noca... (Cala-se quando vê Zeca).

ZECA - (Para Olalia) - Uai! Dissero que tu tava doente.

SIA NOCA - (Para Olalia) Fica aí com a visita, que eu me arranjo solita com o galo. (Sai P.E.)

OLALIA - Com a tua chegada já miorei.

ZECA - Foi com o teu consentimento que a sia Noca me falou?

OLALIA - Foi. (Zeca segura a mão dela) O Sirvano não volta hoje, só pelo amanhecer.

ZECA - Tu nunca me saiu do pensamento, Olalia.

OLALIA - Ela explicou que teu galó tem que perder a rinha?

ZECA - Vou dar um jeito...

SIA NOCA - (Entrando pela P.E.) O galo morreu...

OLALIA - (Afasta Zeca) Acabou-se a rinha.

ZECA - (Para Sia Noca) Entonces devolva meu dinheiro.

SIA NOCA - (Afastando Zeca que avançara para tomar-lhe o dinheiro) Fastra! não!

OLALIA - Tu tinha pago ela, diabo ruiç. Era ansim que eu te saia do pensamento?

ZECA - Eu te quero deveras, Olalia, dotro jeito não havera de ter aceito perder essa rinha e abaixar a crista diante do Sirvano.

OLALIA - Sou a muié de Sirvano, se não tem mais galo pra ganhar a rinha, dou o causó por terminado.

ZECA - (Jega o chapéu e fala para Olalia). Até prouta ocasião. (Para Sia Noca) O dinheiro eu quero de volta.

SIA NOCA - Não fala em dinheiro que a Olalia se ofende.

ZECA - Eu passo no seu rancho pra falar (Sai P.D.)

OLALIA - (Abre a trouxa de roupa para recomeçar a passar). Diacho de galo que não achou otra hora pra morrer!

SIA NOCA - (Na P.D.) Zeca!!!

ZECA - (Volta do meio do pátio) Que hai?

SIA NOCA - Tu não tem otro galo de rinho afora o que tava aprazado de brigar com o morto?

ZECA - (Entrando de novo na sala) Isso eu tenho.

SIA NOCA - (Refaz a trouxa de roupa que o Olalia decidira passar) Pois tá tudo arranjado.

OLALIA - (Desembrulha a trouxa) Dêxa! De garantido é só o lavado que tenho.

SIA NOCA - (Refaz a trouxa) Escuta premero. (Para Zeca) Vai buscar o melhor galo que tu tem pra ficar no lugar do morto.

ZECA - E tá pensando que o Sirvano não vai dar pela troca? Galo de rinha a gente conhece melhor do que a muié que tem.

- OLALIA - Pelo teu falar se me trocassem por otra o Sirvano nem se apercebia.
- ZECA - Não é o causo, é só modo de dizer.
- SIA NOCA - Esses bichos da rinha metade das pena já não tem e as pôca que ficaro en rtinjo da cor que era as do galo do Sirvano.
- OLALIA - Que achado, sia Noca!
- ZECA - Pére lá, cada bicho tem suas balda, seu jeito de brigar, tudo isso o dono arreconhece. (Batida na janela). A la maula! Isto é uma cilada. É o Sirvano que tá voltando.
- OLALIA - O Sirvano não bate, vai entrando.
- ZECA - Batida em janela, cheira a coisa combinada.
- SIA NOCA - (Para Olalia) Tu tava esperando visita? (Olalia faz que não com a cabeça)
- ZECA - Se for coisa arranjada vou par os podre do Sirvano na rua. Usar a muié como isca pra desatar a rinha é perciso ser mui ordinário, (Batida na janela)
- OLALIA - Ansim é que tu gosta de mim, é Zeca?
- ZECA - Gosto de ti, mas não tolero o calavera de teu marido.
- OLALIA - Não me agrada ouvir esse palavrório na tua boca.
- ZECA - Me adisculpe.
- SIA NOCA - (Para Zeca) Sai pelos fundo, home e vai buscar o galo, a Olalia percisa atender a visita. (Zeca sai pela P.E. e sia Noca segue-o).
- SIA NOCA - (Ao sair, diz para Olalia) Não empata tempo, que temos que arranjar esse assunto com o Zeca.
- OLALIA - Teja tranquilla. (Sia Noca sai P.E.) - (Olalia abre a janela).
- JESUÍNO - Buenas.
- OLALIA - Que le traz a estas hora?
- JESUÍNO - É um causo de percisão...
- OLALIA - (Mais amável que na vez anterior) Dê a volta...
- JESUÍNO - E o caherro??
- OLALIA - Por isso que bateu na janela? Já tá preso desde aquela hora.
- JESUÍNO - Nunca convém facilitar. (Dá a volta ao rancho e vem pela P.D.)
- OLALIA - (Espera-o na porta, com amabilidade exagerada) A que deve o prazer da visita?

OLALIA - Tire aí mesmo, que eu volto as costas... (Arranja a mesa de modo que possa passar a roupa de costas voltadas para o velho. Jesuíno tira a roupa, está de ceroulas compridas, entrega a roupa para Olalia, que a pega sem voltar e começa a passar) O senhor sabe, seu Jesuíno, que estou planchando a estas horas da noite só mesmo porque apercio por demais a sua pessoa.

JESUÍNO - Gracias.

OLALIA - Inda mais meu marido ausente, inté podia dar o que falar...

JESUÍNO - O que me arreceia é que o Sirvano é metido a valentão.

OLALIA - Valente como as armas. Mais o seu causo é muito especial, o senhor é criador de galo de rinha e o Sirvano vai ter grande percisão de sua ajuda, nem por ôtra tou planchando sua fatiota.

JESUÍNO - Como é que disse?

OLALIA - O senhor vai emprestar seu galo, aquele tal de que falou de-já-hoje, pro Sirvano disputar a rinha com o Zeca. (Seu Jesuíno dá um salto e aparece de ceroulas na frente de Olalia)

OLALIA - Fique pra lá, home, arrepare nos seus traje.

JESUÍNO - (Voltando pra as costas dela) Me adisculpe, mais o seu modo de falá me perturbou.

OLALIA - Uai! Uma mão lava a ôtra.

JESUÍNO - Mais o meu galo tou aperparando é pra meu uso.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

OLALIA - (Parando de passar a roupa) Tou le estranhando esse modo de falar.

JESUÍNO - Eu é que tou le estranhando.

OLALIA - Entonces, seu Jesuíno, aqui tá seu traje e não torne a me percurar pra lavar sua rôpa.

JESUÍNO - D. Olalia, não le fiz nenhuma ofensa.

OLALIA - Home do céu, não veve me arroteando, dizendo que sou linda e gar-rando mia mão todo cheio de manha?

JESUÍNO - A senhora é mesmo lindaça e nunca le faltei o respeito...

OLALIA - Pois tou le pedindo: presenteie o galo ao Sirvano, pra ele se salvar do causo com o Zeca e eu...

JESUÍNO - Tá falando sério, d. Olalia?

OLALIA - Uai! Havera de tá brincando?

JESUÍNO - (Pegando a mão dela) Olalia! O galo é teu. (Abraça-a)

OLALIA - (Afastando-o) Deixe eu terminar de planchar a fatiota.

- JESUÍNO - Não carece, deixe como está que não vou mais ao "assalto" me que-  
do por aqui, pois não me disse que o Sirvano só vai voltar ao  
amanhecer?
- OLALIA - Vá buscar o galo, seu Jesuíno e depois a gente acerta... (Jesuíno  
veste-se rapidamente)
- JESUÍNO - Aquilo é uma riqueza que vou por nas mão de Sirvano. Éta home de  
sorte! (Sai P.D.)
- OLALIA - (Acompanha-o até P.D. e fica vendo-o afastar-se)
- JESUÍNO - Logo mais tou aqui.
- OLALIA - Volte lá pela meia noite, quando os vizinhos tiverem dormindo pra  
evitar falatório. (Fecha a P.D. Olalia caminha para a P.E.) Sia  
Noca! (Zeca aparece na P.E.)
- ZECA - Bah! O homem parecia que ia ficar morando.
- OLALIA - Adonde tá sia Noca?
- ZECA - Tá pintando o galo.
- OLALIA - (Falando da P.E. para dentro) Sia Noca largue mão disso, esse ga-  
lo pintado vai dar em água de barrela. O Sirvano vai bispar o acon-  
tecido.
- ZECA - Agora é que fala isso, depois que eu troche o galo pra fazer as  
vezes do defunto?
- SIA NOCA - (Entra P.E.) Não vejo ôtra saída, mia fia, precisamos correr o  
risco.
- OLALIA - É mior tu ir te embora, Zeca e leva teu galo, que já arranjei otro  
pro Sirvano.
- ZECA - Ôtro? E pensa que pode? Pois fica sabendo que se ele aparece com um  
galo que não seja o que já morreu, obrigo ele pagar a aposta, que  
o nosso trato não era de fazer troca.
- SIA NOCA - (Para Olalia) E de quem é o galo?
- OLALIA - Do seu Jesuíno.
- ZECA - Nessa o Sirvano não me pega. O melhor galo de Bagé é o do seu Jesuí-  
no. Não aceite a troca e exijo a paga da aposta.
- SIA NOCA - Não perca as estribeira. Pois entonces a nossa luta de-já-hoje  
não era pro Sirvano ganhar essa rinha nem que fosse pintado o galo  
da cor do finado?
- ZECA - Tudo isso foi feito na base do acordo aquele com a Olalia...

SIA NOCA - O acordo inda tá em pé, não é Olalia?

ZECA - Ela me mandou embora inda agorinha, quando disse que já tinha ôtro galo pra por no lugar do defunto. (Olalia fica pensativa)

SIA NOCA - Será que já começa os arrufo antes mesmo de dar tempo pro namoro?

ZECA - Trato é trato, se quer que o Sirvano ganhe a rinha que cumpra o permitido.

OLALIA - Tu é mui discutidor, hein Zeca.

ZECA - (Para sia Noca) A senhora mesmo que falou que a Olalia tem por capricho o marido ganhar essa rinha.

SIA NOCA - Tu deixa de ser cabeça dura, Olalia, o Zeca tá no direito dele.

OLALIA - (Para Zeca) Tu aceita o galo do seu Jesuíno como adversário?

ZECA - Aceito.

OLALIA - Entences o nosso trato continua, mais com uma condição: antes da meia-noite tu te vai.

ZECA - E essa agora? Não foi falado que o Sirvano só volta ao amanhecer?

OLALIA - Mais o causo mudou de figura. O seu Jesuíno vem trazer o galo dele antes do Sirvano voltar.

FIM DO PRIMEIRO ATO

\*\*\*\*\*

2º ATO - Primeiro Quadro

MESMO CENÁRIO - Rancho de Sirvano, alguns meses depois, móveis, novos e baratos, gosto de subúrbio, mas que marquem bem a melhoria de situação financeira do casal. O pátio ao lado foi enriquecido com um banco de jardim. Sirvano, com roupa de gaúcho, Zeca e Jesuíno endomingados, mas não de roupa típica, estão em cena.

SIRVANO - Bem diz os antigos que um amigo vale ouro e dois, entences, vale um tesouro.

ZECA - Chê! Tá ficando fazedor de verso?

JESUÍNO - Não é por nada, Sirvano, mas o assunto é de família e não sei se o povo vai arreparar de eu e ele tá por aqui numa hora dessas.

SIRVANO - Pensar alheio não me faz móssa. Foi com o auxilio dos amigos que empecei a acertar o passo.

JESUÍNO - Tu que é o dono da casa e o marido, se tu aperfere ansim, a gente se qued na tua companhia.

ZECA - O Sirvano tem razão, os amigos são pras ocasiões. Já deixei dito no boliche que hoje não volto.

SIRVANO - Isso é que são falares. (Abre um armário de porta de vidro e tira uns cálices de vinho, desses vendidos em feira, mas que ali estão fazendo luxo e um litro de pinga branca) Vamos empinar uma azulzinha especial de Santo Antônio da Patrulha que guardei pra a ocasião.

ZECA - Venha a canha, que a data carece. (Pega o copo que Sirvano serviu)

SIRVANO - Tenho um convite pros amigos. O senhor, seu Jesuíno, por ser o mais véio, vai ser o padrinho de bautismo. E tu Zeca, o de crisma.

JESUÍNO - Não sei como agradecer...

SIRVANO - Não agradeça, o senhor merece.

ZECA - Tu me saíste mesmo um amigão, Sirvano.

SIRVANO - Ôtro tanto digo de ti.

JESUÍNO - (Pegando o copo) E a comadre Olalia, como é que tá passando?

SIRVANO - Uai! Seu Jesuíno, filho é serviço de mulher. A sua Noca tá com ela e é o quanto chega.

JESUÍNO - Deixa disso, Sirvano, que é sabido que filho não nasce assim como trazido pela cegonha.

ZECA - Nessa tô com Sirvano, também não é preciso fazer lamentação.

JESUÍNO - Em que é que tu não tá com o Sirvano?

ZECA - Agora, seu Jesuíno, é que o senhor vai cair pra trás, eu e o Sirvano temo engenhando construir um rinhadeiro, por conta própria, no terreno que se estende no fundo do boliche.

JESUÍNO - E não me falare? Não sou acauso criador de galo de rinha?

SIRVANO - Calma, que hoje é dia de se alegrar. (Serve outra rodada de pinga)

ZECA - Ora, seu Jesuíno, eu entrei com o terreno, o Sirvano com o material pra construção... Negocinho mixe.

JESUÍNO - Sirvano, escuita, eu te socorri na hora da abertura, eu ainda o-tro dia emprestei um galo de primeira pra cruzar com uma galinha tua...

SIRVANO - O galo devolvi pro senhor. A galinha tá no choco e vai sair uma ninhada de pinto de rinha como ainda não se viu ôtra nestas bandas.

JESUÍNO - Pois entoncos, não era o caso de ter indagado se o negócio do rinhadeiro era do meu interesse?

ZECA - Seu Jesuíno, o senhor é home rico, dê uma folga pra mim e o Sirvano se virá.

SIRVANO - As palavras do Zeca foi também meu pensamento.

SIA NOCA - (P.E. aparece e some) Acode, Sirvano! (Os três ficam muito atarantados. Jesuíno e Zeca empurram Sirvano para a P.E. Sirvano antes de sair larga o copo)

JESUÍNO - Será que ela não está passando bem?

ZECA - Mais essa. (Bebe)

JESUÍNO - Qual o que, nem tu nem o Sirvano tão se preocupando com a coitada.

ZECA - Preocupo a muito, não dou demonstração pro home não desconfiar.

JESUÍNO - Deus que ajude e tudo corra bem. Eu, na mia idade, não esperava mais por uma benção destas.

ZECA - Quem foi que diz que é teu?

JESUÍNO - Tem certeza que é teu por acauso?

ZECA - (Servindo-se de canha) Ela que diz.

JESUÍNO - Não te gaba.

ZECA - Sou home de palavra, seu Jesuíno e se não faço uma desfeita pro senhor é porque me ensinar a respeitar os mais véio.

JESUÍNO - Tu tá me saindo mui caborteiro, Zeca. Mais essa do rinhadeiro em sociedade com o Sirvano tu não vai me passar ansim no mais.

ZECA - A Olalis sabe do causo, ela não le falou?

JESUÍNO - Se tu quer me intrigar com ela, tá perdendo teu tempo.

ZECA - (Espiondo pela P.E.) O Sirvano tá se demorando, não le parece?

JESUÍNO - (Na P.E. grita para o interior) Sirvano! (Para Zeca) Diacho de home, em vez de vir trazer as alviçaras pra gente, fica lambendo a crã.

ZECA - Coitado, ele não sabe da aflição da gente. A sia Noca é que devia vim dar a notícia quentinha.

JESUÍNO - (p.E.) Sirvano!

VOZ DE SIRVANO - Já vou.

JESUÍNO - (Para Zeca) Eu quero home, e tu?

ZECA - Também quero filho home.

SIRVANO - (Aparece P.E. trazendo nas mãos uma porção de pintinhos recém-nascidos) Estes é que vão abaixar a crista de quanto galo de rinha hoyer nestas redondezas.

JESUÍNO - (Orgulhoso) São os filho do meu galo.

SIRVANO - A sua Noca me chamou pra mode que eles tavam saindo da casca.

(Pala com os pintos) O bichões!

ZECA - A ninhada é de sociedade dos dois, é?

JESUÍNO - (Terminante) É.

ZECA - Pois eu vou entrar nessa, mando quierera lá do boliche pra criar eles.

JESUÍNO - Pode mandar e põe na mia conta.

ZECA - É presente.

SIRVANO - Aceite, seu Jesuíno.

JESUÍNO - Carece pensar no causo. Se for presente eu aceito, mas se for pra formar sociedade, não me convém. O rinhadeiro é só de vocês dois...

SIRVANO - Nós não tivemo tenção de ofender, negócio pequeno, pensei que um home com suas posse...

JESUÍNO - Tu não quis me pisar no poncho, Sirvano, mais o Zeca tem mais volta que o rio Camaquã.

ZECA - Seu Jesuíno, o senhor tá contra mim e sabe que não é direito...

VOZ DE SIA NOCA - Sirvano! (Os dois empurram Sirvano para a P.E. larga o copo e sai)

ZECA - (Para Jesuíno) E agora?

JESUÍNO - Nossa Senhora do Bom Parto que la proteja.

ZECA - São Sebastião, padroeiro desta cidade, faça que seja guri e eu ponho nele o seu nome!

JESUÍNO - São Miguel, padroeiro desta cidade, faça que seja um piá e eu ponho nele o seu nome!

ZECA - O padroeiro é São Sebastião, nome da igreja matriz.

JESUÍNO - Nos tempos de dantes, quando os jesuítas era os dono de todas estas campanhas por aqui, o São Miguel é que era o santo protetor.

ZECA - Isso eu não sei! (Invoca o Santo Protetor) São Sebastião!

JESUÍNO - Mas o São Miguel sabe, São Miguel!

SIRVANO - (Entra radiante pela P.E. É home! (Os três abraçam-se, riem, dançam, tornam a abraçar-se)

JESUÍNO - Sirvano, sô um home feliz.

SIRVANO - Calcula então eu, que sou o pai.

JESUÍNO - É meu de coração.

SIRVANO - (Para Zeca) Tu precisa casar, rapaiz, e ter um filho pra avaliar o que eu sinto nesta hora.

ZECA - Eu sou como o seu Jesuíno, sinto o filho cá no coração.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

JESUÍNO - É difícil casar, a única muié perfeita que zóio ja viro foi a Olalia.

SIRVANO - Me tirou a palavra da boca. A Olalia é mesmo perfeita. No principio nós meio que se estranhava pra mode dos galo de rinha mais quando ela viu que o meu futuro era esse e as coisas ficaro ruim, aqui tão os amigo que não me dexam menti, a muié me deu uma ajuda, que adonde tá outra capaiz de fazer o mesmo?

JESUÍNO - É a expressão da verdade.

ZECA - Naquela noite que o galo morreu, não é mesmo?

SIRVANO - Não fosse ela, que tinha amizade com seu Jesuíno pra mode dos lavados que fazia prele e convenceu aqui o amigão de me emprestar o galo, eu tinha era dado um tiro nos miólo, não ia agüentar a vergonha do sucedido.

ZECA - Deixa de alembrar essas coisas, Sirvano. (Bebe um trago) Home, que maravia!

JESUÍNO - (Lembra-se da promessa) Sabe uma coisa, Sirvano, na aflição, por causa da nossa amizade e querendo que o filho fosse home, fiz uma promessa de botar nele o nome de Miguel.

ZECA - O padroeiro da cidade é São Sebastião, a mia promessa foi pra ele.

SIRVANO - De chamar Sebastião?

ZECA - De chamar Sebastião.

JESUÍNO - De chamar Miguel.

SIRVANO - A Olalia escolheu faiz muito tempo, diz que o uso agora é botar o nome do pai e que o guri vai se chamar Sirvano.

ZECA - E o São Sebastião?

JESUÍNO - E o São Miguel?

ZECA - Sante é bicho tão desconfiado...

JESUÍNO - Tá nas tuas mãos, Sirvano, tu que decide.

SIRVANO - A Olalia já tá chamando ele de Sirvaninho. (Zeca e Jesuíno mostram-se muito nervosos e preocupados)

JESUÍNO - Tenho medo de promessa não cumprida.

ZECA - Eu também.

SIRVANO - Não precisam ficá ansim tão desconsolados. Pensam que a gente vai ficá num filho só?

ZECA E JESUÍNO - Não!

SIRVANO - Dá tempo ao tempo, home, que vamo ter a alegria de ver nascer o Sebastião e o Miguel. (FIM DO PRIMEIRO QUADRO)

Segundo Quadro

MESMO CENÁRIO - Ar de festa, bandeirolas de papel colorido pendem do teto, comilanças e doces em cima da mesa. Olalia, endomingada, arranja a mesa, mas parece muito preocupada. Sirvano pela P.D. rola para dentro da sala um barril de chope. Está alegriíssimo e surpreende-se com a tristeza de Olalia)

SIRVANO - Que se passa contigo, Olalia?

OLALIA - (Disfarçando a tristeza) Não é nada.

SIRVANO - (Carinhoso) Tu não tem segredo pra mim, tem? (Olalia sacode a cabeça negativamente) Entences conta logo o sucedido.

OLALIA - Sabe o que me aburrece no bautizado do Sirvaninho? Os padrinho que tu foi convidar.

SIRVANO - Será crível, Olalia, nós que nunca brigamo e agora tu faiz fincá pé num assunto desses...

OLALIA - E também essa sociedade do rinhadreiro que tu feiz com o Zeca...

SIRVANO - (Rindo) Sabe o que mais? Tu j'ouviu falar de muié que tem ciúme dos amigo do marido? É o teu cause, tu tem ciúme deles. (No fundo do pátio aparece Sia Noca)

SIA NOCA - Ó de casa! (Olalia e Sirvano vão até P.D. e ao ver sia Noca caminham ao seu encontro).

OLALIA - Passe em frente.

SIRVANO - Buenas.

SIA NOCA - Como le vão? Adonde tá meu afilhado?

OLALIA - (Pega a maleta que a curandeira traz ná mão) Tá dormindo.

SIA NOCA - E tu, como é que vai passando? Tá amamentando o guri?

SIRVANO - Ela não teve leite, mais o seu Jesuíno nos presentou com uma vaca de cria nova.

SIA NOCA - Folgo em saber, boa amizade. (Entram pela P.D.)

OLALIA - (Para sia Noca) Tome assento.

SIRVANO - (Respondendo a fala anterior de sia Noca) É o que digo sempre para a Olalia, é raro encontrar dois amigaços como o seu Jesuíno e o Zeca.

OLALIA - (Enquanto guarda a maleta) Não esquecendo a senhora.

SIA NOCA - Pode me esquecê.

SIRVANO - Modéstia sua.

OLALIA - (Prepara o chimarrão, usando água na garrafa térmica e oferece a Sia Noca) É servida?

SIA NOCA - (Aceitando o chimarrão) Gracias. (No fundo do pátio, que ladeia a casa, aparece Zeca).

ZECA - Sirvaaaaaano!

SIRVANO - (Grita da P.D. para fora) Já vôôôôô!

OLALIA - Tá vendo, sia Noca, o dia todo é essa lenga-lenga, vivem mais aqui do que na casa deles, como é que não hei de andar aperriada?

SIA NOCA - Amizaãe é ansim mesmo.

SIRVANO - (Referindo-se a Olalia) Essa mulher parece que não tem amor por ninguém.

SIA NOCA - Ela tem amor demais por ti, Sirvano, disso é que tu te queixa. (Sirvano passa o braço pelos ombros de Olalia, ela sorri para ele. Zeca, desde que chamou por Sirvano caminhou em direção à casa, nesse instante exato ele entra pela P.D., como gente de casa, está em mangas de camisa e tem ligeira surpresa ao ver a atitude do casal, mas disfarça, brincando)

ZECA - Sempre como dois pombinhos, hein! (Cumprimenta Sia Noca) Buenas.

SIA NOCA - Deus te guarde, Zeca.

SIRVANO - (Afasta-se de Olalia e graceja com Zeca) O padrinho inda tá, desse jeito?

ZECA - Tou dando murro em faca de ponta com aquele cabeça dura que veio pra construir o rinhadeiro e perciso dos teus préstimo.

SIRVANO - Venha com a gente, sia Noca para dá uma espiada no rinhadeiro que tamo fazendo atrais do boliche.

SIA NOCA - Como não haveria de ir. (Levanta-se para sair com eles)

ZECA -(Como se só então tivesse visto a cuia e a garrafa térmica) Vão indo que quero antes molhar a goela com um mate e me quedo aqui com a comadre. (Sia Noca e Sirvano saem pela P.D. e afastam-se para o fundo, rindo e conversando, com muita familiaridade. Dentro da sala, Zeca abraça Olalia, que foge dele) Que é que te fiz pra ficar tão arisca?

OLALIA - Zeca, eu sempre tive tu em alta estima...

ZECA - Andaro me intrigando contigo?

OLALIA - Não gosto de te ver abaixar a crista pro Jesuíno e aceitar no mais ser padrinho de crisma do guri, tu que podia ser o pai...

ZECA - E quem foi que disse que eu não sou?

OLALIA - Finca o pé e faiz o Jesuíno desistir de apadrinhar a criança.

ZECA - Por amizade ao Sirvano é que aceito.

OLALIA - Tu tá me saindo mui molenga.

ZECA - Um homem não me arrepetia isso, que antes eu encomendava a alma dele.

OLALIA - Encomenda a do Jesuíno.

ZECA - Bem que eu tenho ganas, mas os tempos já não são aqueles em que a gente se refugiava no Uruguai, agora matô pagô.

OLALIA - Não percisa matar à moda antiga, de punhal ou de revólver.

ZECA - Entonces, como?

OLALIA - Ele tá caindo os pedaço de véio, basta levar um tombo de mau jeito e desencarna.

ZECA - Não é mau pensado.

OLALIA - Tu faiz?

ZECA - Tou com vontade.

OLALIA - (Abraçando Zeca) Não é em vão que tu tem fama de gaúcho destorcido.

ZECA - Eu sou de boa capa, meu avô andou na revolução de 93 e feiz um colar de orelha dos que ele degolou.

OLALIA - Êta bichão!

ZECA - Eu vou arredar o Jesuíno do meu caminho.

SIA NOCA - (Entra P.D. e fala para Zeca) O Sirvano ficou lá te esperando.

OLALIA - Vai andando, Zeca.

ZECA - Até mais logo. (Sai P.D. e atravessa o pátio correndo).

SIA NOCA - (Olhando em roda para os enfeites e as comilanças) Vai sê uma festa bonita. Tu é uma moça de valor, hein Olalia!

OLALIA - Não tenho feito nada de mais, qualquer mulher que goeta do marido percira ajudar ele.

SIA NOCA - O Zeca anda te dando trabaió?

OLALIA - Pra mode de que a pergunta?

SIA NOCA - Tava com uma cara, quando entrei aqui que parecia que ia matar um.

OLALIA - Perciso me livrá dele e do Jesuíno. A ajuda que tinham que dar pro Sirvano, já dero.

SIA NOCA - Tá nas tuas mão.

OLALIA - O causo é que o Sirvano se tomou de amizade por essas duas biscoas e quer carregar eles vida em fora como gente da família.

SIA NOCA - Faz ciúme prele, conta que os dois andam dando em cima de ti.

OLALIA - Deus o livre, se eu abrir a boca num assunto desses, o Sirvano é homem pra deixar os dois estirado morto.

SIA NOCA - Gaúcho é ansim mesmo, é ciumento e vingativo.

JESUÍNO - (Do pátio) Comadre, posso ir entrando?

OLALIA - (Para sia Noca) O véio tá aí.

SIA NOCA - Eu vou ver meu afilhado, que tu deve ter algum particular com ele. (Seu Jesuíno entra P.D.)

OLALIA - (Para sia Noca, sem ter visto Jesuíno) Não se apoquente.

JESUÍNO - Táam tão entertida que nem ouviro mia voz?

SIA NOCA - Com sua licença, eu já ia entrando pra ver o guri.

JESUÍNO - Teja à vontade. (Sia Noca sai P.E.)

OLALIA - (Para Jesuíno) Que padrinho fermoso.

JESUÍNO - É o seus zóio.

OLALIA - (Arruma a gravata de Jesuíno) É por amizade que le falo, o Zeca com essa história de rinhadeiro tá fazendo pôco de ti...

JESUÍNO - Ele não sabe com quem tá tratando.

OLALIA - Será que tu é home pra dar um sumiço nele!

JESUÍNO - Se achar que convém, dô-le um jeito.

OLALIA - No meu pensar, o mais seguro era mandá-lo pro otro mundo.

JESUÍNO - Guampucha!

OLALIA - Vai me dizer que um home que andou nas revolução nunca matou gente?

JESUÍNO - Posso afastar ele sem morte. Mando-le fazer uma ameaça...

OLALIA - Conversa no mais.

JESUÍNO - Pois acho que uma boa surra não vem fora de propósito.

OLALIA - Quanto a isso tenho mias dúvidas. Porque deixar para matar amanhã quem se pode matar hoje?

JESUÍNO - Em assunto definitivo não gosto de me percipitar.

OLALIA - Logo quem tá com pena do Zeca.

JESUÍNO - Não é dele, é de mim. Causo de morte dá inquérito. Surra fica por isso mesmo, que o surrado é o premero a não dar queixa, pra não contar que apanhou.

OLALIA - Pensando bem, será que uma surra dá pra matar?

JESUÍNO - Bueno, sendo bem caprichada às vezes acontece.

OLALIA - Pois entonçes a do Zeca precisa ser a capricho.

- JESUÍNO - Vou providenciar, tão somente pra le ser agradável.
- SIRVANO E ZECA - (Vestido para a festa, entram abraçados, vindo do pátio).
- SIRVANO - Hoje vamos estreitar o laço da nossa amizade com o bautizado do guri.
- ZECA - Que a argola do laço resista o aperto.
- SIRVANO - Adonfe tá a sia Noca, Olalia?
- OLALIA - Tá perparando o afilhado pra ir pra a Igreja.
- SIRVANO - Oigalê, que vai ser uma festança de ficar na memória. (Afasta Jesuíno para o interior P.E.) Venha ver o seu presente, seu Jesuíno.
- JESUÍNO - Já chegou? (Saem P.E.)
- ZECA - Engenhei um plano que é um primor.
- OLALIA - Como é que é?
- ZECA - Tu sabe a ponte aquela que tem no caminho da casa dele...
- OLALIA - Sim...
- ZECA - A coisa é pra hoje, vou aproveitar o pileque da festança...
- OLALIA - Bem pensado...
- ZECA - Depois do anoitecer, vou lá de manso e estendo uma corda, logo ansim no começo da pinquela...
- OLALIA - Tou aperciando.
- ZECA - Decerto, no correr da festa, ele vai empinar uns trago...
- OLALIA - Disso me encarrego eu.
- ZECA - E no voltar pra casa, tropica na corda e quando se der conta já caiu. O barraco é alto de molde que quando der acordo de si tá morrido.
- OLALIA - Mui bem calculado, tu é mesmo destorcido, hein Zeca.
- ZECA - Gracias. (Sirvano entra P.E.)
- SIRVANO - (Para Olalia) Oigalê que a sia Noca tá demorando. Já é hora de ir pra a Igreja.
- OLALIA - Sia Noca, tá na hora.
- VOZ DE SIA NOCA - Já vou. Tou trocando a fralda do piá que se molhou de novamente.
- SIRVANO - (Convidando Zeca) Vamo ver os cavalo, chê, que nessa moleza não se sai daqui hoje.
- ZECA - (Chamando) Venha, seu Jesuíno. (Jesuíno entra P.E.)
- OLALIA - Deixe o compadre esperar o afilhado.  
(Olalia serve um trago para Jesuíno, intencional, como a convencer Zeca de que pretende embriagar o velho. Zeca e Sirvano saem P.D.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90620-025

OLALIA - (Para Jesuíno) As coisas tão se precipitando. Acho de bom aviso que providencie a surra pra hoje mesmo.

JESUÍNO - Hoje é bom, porque ele vai sair da festa empilecado e isso facilita o serviço.

(Sia Noca entra P.E. com a criança com vasta camisola de batizado e atravessa em direção a P.D. Jesuíno e Olalia seguem-na, mas atrasam o passo, para trocar as últimas idéias sobre a espera)

OLALIA - Entences?

JESUÍNO - Saindo da Igreja vou acertar o preço do "assunto" com uns conhecido meu que se encarregam dessas encomendas.

FIM DO SEGUNDO QUADRO  
\*\*\*\*

TERCEIRO QUADRO

(Antes de abrir o pano ouve-se gritaria, vozerio, pedido de socorro)

VOZ DE SIRVANO - Tô morrendo!

VOZ DE OLALIA - Acuda, sia Noca!  
(ABRE O PANO)

MESMO CENÁRIO - Horas depois do quadro anterior. Desarrumação de fim de festa. O barril de chope no meio da sala, copos, garrafas, restos de comida, louça suja, esparramados por toda a parte. O cenário deve evidenciar que no fim da festa todos os convidados estavam embriagados. Zeca e Jesuíno, bêbados, entram no pátio, carregando Sirvano. Também bêbado que geme e grita. Deitam-no no banco do jardim)

OLALIA - (Atravessa a cena correndo e chamando) Sia Noca! (Olalia olha para Jesuíno e para Zeca e cada um quando encarado, faz ar de quem não sabe como aquilo aconteceu)

SIRVANO - Eu tô morrendo, Olalia! Chega aqui junto (Olalia ajoelha-se junto a Sirvano e escuta-lhe o coração. Sirvano em atitude de bêbado que imagina que está morrendo e quer bancar o patético, estende uma das mãos para Zeca e a outra para Jesuíno. Todos estão embriagados e como tal falam e se portam durante todo este quadro) Meus amigos, desta eu não espapo. Tomem conta dela. (Faz gesto indicando Olalia)

ZECA - Juro.

JESUÍNO - Pela mia alma.

ZECA - Pela mia também.

SIRVANO - Morro em paz.

OLALIA - Não morre, Sirvano, não vale a pena.

SIA NOCA - (Atravessa a sala e entra no pátio pela P.D.) Sirvano, que aconteceu? Tu encoitrou lobisome?

SIRVANO - Tou vendo uma porção de anjinho, cavalgando uma nuvem tordilha.

OLALIA - Não vai pro céu sozinho, Sirvano.

SIA NOCA - (Afasta Zeca e Jesuíno) Arredem, deixa ver se ele tem ferimento ou se é só roupa rasgada. (Começa a examinar Sirvano. Cada vez que ela o apalpa, ele geme, grita, lamenta-se).

SIRVANO - Deixa, sia Noca, não adianta, tou perdido.

SIA NOCA - Tu tá é borracho. (Continua tirando o casaco dele e procurando examiná-lo. Zeca e Jesuíno teimam em aproximar-se e cada um segura uma das mãos de Sirvano)

SIRVANO - Cuidem da Olalia, dessa pobre viúva moça e inexperiente...

OLALIA - Não fala ansim que eu choro. (Chsa)

SIA NOCA - (Afasta-os) Com licença. (Zeca e Jesuíno ladeiam Olalia e entram na sala)

OLALIA - (Furiosa com eles) É melhor desembuchar logo o sucedido.

ZECA - Mandei fazer tudo conforme o combinado, mas nem toquei sequer no nome do prezado amigo Sirvano e se aconteceu tal despropósito foi por desarranjo da divina providência (Sia Noca vai até a sala buscar a maleta que trazia quando chegou e logo volta)

OLALIA - E o senhor, seu Jesuíno, que diz disso?

JESUÍNO - Faço minhas as palavras do Zeca, é a expressão da verdade.

OLALIA - O senhor tá testemunhando em favor do Zeca?

JESUÍNO - Expressão da verdade no meu caso. A verdade do Zeca é lá com ele.

ZECA - Tá pondo em dúvida a mia palavra, seu Jesuíno?

JESUÍNO - Longe de mim tal pensamento, não sei o que tu disse.

SIRVANO - (Para Sia Noca, que examina seus ferimentos) Não faz cócega, se não eu morro.

SIA NOCA - (Para Olalia) Vai fazer um café forte sem açuca, Olalia, que esses home tão bebedo, que não se agüento nas perna. (Sia Noca tira ervas curativas da maleta, masca-as e as vai colocando nas costas de Sirvano, que grita cada vez que ela toca nele).

OLALIA - (Ajoelha-se ao lado de Sirvano e agra-o, segura-lhe o rosto) Sirvano, conta como foi que aconteceu essa malvadeza contigo, que inda agorinha saiu bom e são de lombo daqui pra acompanhar esses teus

comparês até a casa deles?

SIRVANO - Me falta as força pra fazer o relato.

SIA NOCA - (Para Olalia) Se tu não vai tratar do café, vou eu, que é disso que eles preciso pra curar a carraspana. (Entra na sala e faz café no fogão de tijolos. Pega as xícaras do armário, etc.)

OLALIA - (Para Zeca e Jesuíno) Ele saiu daqui na vossa companhia, vamos contem, como foi que ele sofre esse acidente?

JESUÍNO - Já de saída o Zeca tomou a dianteira...

ZECA - Entences ele tava a sós com o senhor quando tropicou numa corda estendida ao entrar na ponte?

JESUÍNO - Foi um tombo horrível, ele saltou no ar e foi bater na barranca do arroio.

OLALIA - (Para Zeca) Bem calculado, hein!

JESUÍNO - Ao ver aquilo, eu recuei, vim apalpando e achei a corda, cortei ela com a faca e segui meu caminho...

OLALIA - (Para Zeca) Tai o que tu ganhou.

JESUÍNO - O Sirvano levantou-se e disse que não tava sentindo nada, mas apercebi que ele manquejava duma perna. Ai me despedi dele e tomei o atalho pra mia casa.

ZECA - Tou na crença que foi na altura da figuêra brava que atacaro ele e deram-lhe uma sumanta.

OLALIA - (Para Jesuíno) Que diz do causo?

JESUÍNO - Quem hávera de fazer idéia que o Sirvano tomasse o rumo do boliche do Zeca a tal hora da noite?

ZECA - Eu mal tinha chegado quando escutei a arruaça, abri a janela e dei um tiro pro ar. Vi dois ou três vultos fugindo e o compadre ficou estirado no chão. (Sia Noca entra com a bandeja de café e aproxima uma xícara da boca de Sirvano)

SIRVANO - (Saindo da dormideira em que estava) Olalia, me socorre, tou vendo tudo negro!

OLALIA - Ei o café!

SIA NOCA - Bebe, home. (Os outros também bebem café. Para Zeca e Jesuíno) Carreguem ele pra cama que já é mui tarde e tá na hora de vocês também irem se chagando pras casas. (Os dois carregam Sirvano, atravessam a sala e saem pela P.F. Olalia e sia Noca os acompanham somente até a sala)

OLALIA - Ele tá em perigo de vida?

SIA NOCA - Umas esfoladelas mui de raspelão.

OLALIA - Pelo visto nem o Zeca queria matar o Jesuíno, nem o Jesuíno queria matar o Zeca.

SIA NOCA - O Sirvano pegou as duas carga e amanhã já tá de pé nas perna.

OLALIA - Segure o véio lá dentro e me mande o Zeca, que quero tirar a deferença. (Sia Noca sai P.E. Olalia está furiosa. Zeca entra P.E. Abraça-se nele.) E quando eu penso que a espera aquela podia ter sido pra ti...

ZECA - (Tranquilizando-a) Não precisa se preocupar, o caso foi permeditado contra o Sirvano, eu não tenho desafeto.

OLALIA - Me preocupo porque tu é a mia própria vida, Zeca, não posso vivê sem tu.

ZECA - Tu me quer mesmo, Olalia? Sempre desconfiei que tudo não passava de interesse pra arranjar a vida do teu marido.

OLALIA - Bah! Foi de despeito de nossa briga de namorado que casei com Sirvano.

ZECA - É de mim só que tu gosta, Olalia?

OLALIA - Quer que te dê uma prova provada fora de discussão?

ZECA - Nem acredito em samamba ventura.

OLALIA - Pois vou te dar e uma prova dessas quanto mais custosa mais valor tem, não é mesmo Zeca?

ZECA - Lá isso é.

OLALIA - E tu me dá uma prova também combinado?

ZECA - Palavra que dou, te gosto e não é de hoje.

OLALIA - Pois então seja, a prova que eu te dou é a mesma que tu me dá.

ZECA - E como vai ser isso?

OLALIA - Simplinho de vez. Tu já escutou contar de gente que dá cabo da vida junto de tanto amor que se tem?

ZECA - Mais não vem ao caso...

OLALIA - Como que não? Justo tava pensando em nós morrer junto...

ZECA - Ansim de sopetão tou meio despervenido...

OLALIA - Inté parece que só quem gosta sou eu.

ZECA - Juro que gosto.

OLALIA - E, entonces como é que tu arripia o pelo na hora de provar o teu quere

ZECA - Dessa prova não se tira porveito.

- OLALIA - Ah! Quando precisa tirar porveito é amor por interesse.
- ZECA - Não é por mim tava pensando no Sirvano, e se ele não morrer?
- OLALIA - Que diferença faiz?
- ZECA - Coitado! Te quer tanto, é tão meu amigo, que golpe duro pra ele...
- OLALIA - Saber que nós se queria?
- ZECA - Não digo tanto, mas perder a mulher e o amigo de uma só vez.
- OLALIA - Tu tá é com medo de te matar, home.
- ZECA - Medo não! Tu sabe que sou de boa cepa.
- OLALIA - Entonces?
- ZECA - Tu com uma casa tão boa, eu com um boliche tão bem sortido, é uma lástima.
- OLALIA - Quando a gente tá morto essas coisas perdem seu valor.
- ZECA - Não posso pensar que nem morto, quando tou vivo.
- OLALIA - Pensa no amor, não pensa na vida e entonces permete que tu chega em casa e bebe uma boa dose de veneno...
- ZECA - Veneno não! Home se mata é com tiro de revólve.
- OLALIA - Agora sim que tou te reconhecendo, tu dá um tiro no ouvido...
- ZECA - No coração,
- OLALIA - Tu não vai dá mais pra lá e nem mais pra cá, tu tem boa pontaria?
- ZECA - Não me ofende, inda tá por nascer home com pontaria igual a minha.
- OLALIA - Seja, tu dá um tiro que te leve pro otro mundo e eu que sou mulher bebo veneno...
- ZECA - Tu não vai te acovardar?
- OLALIA - Qual o que, pois se a idéia foi minha.
- ZECA - Não gosto da idéia.
- OLALIA - Tu não pode voltar atrás da palavra dada, tu prometeu.
- ZECA - Não me alembra.
- OLALIA Tu disse que dava uma prova igual a que eu desse.
- VOZ DE SIA NOVA - Vem cá home véio.
- VOZ DE JESUÍNO - Vou se despedi da comadre.
- OLALIA - (Para Zeca) Sai depressa e vai te matar em casa, cada um no seu canto pra morrer .
- ZECA - Uai! Não era pra morrer junto?
- OLALIA - Junto na mesma hora, mas cada um na sua casa, que sou uma mulher casada e não vou me dar o desfrute de ir me matar em casa alheia, inda mais de home soltero.

OLALIA - Ele gosta de uma tal, ela gosta dele com loucura, entonces decidi-  
 ro morrer junto, lindo, não?

JESUÍNO - Lá isso tem seu valor. O Zeca é home corajoso, a verdade não se  
 pode negar.

OLALIA - Uma lástima que tamanho querer não seja por mim.

JESUÍNO - Larga mão, Olalia, aqui tou eu que te quero de veras.

OLALIA - Não acredito.

JESUÍNO - Não dei meu galo de estimação pro teu marido de tanto te querer?

OLALIA - Isso tu podia tê feito pra otra muié também.

JESUÍNO - Mais não fiz.

OLALIA - O <sup>u</sup>que eu queria era uma coisa ansim dessas que se pode dar uma  
 vez só...

JESUÍNO - Por mais que pense não me alembro...

OLALIA - Pois eu me alembro de uminha mui buenacha...

JESUÍNO - Que venha de lá.

OLALIA - Só digo se me pormete <sup>u</sup>que faiz.

JESUÍNO - Tu não pede, tu manda.

OLALIA - Seja o que for?

JESUÍNO - Cá entre nós não tem meu e teu, tudo é teu.

OLALIA - Posso dispor?

JESUÍNO - Já disse.

OLALIA - E tu cumpre?

JESUÍNO - Cumpro.

OLALIA - E se nós aprazasse de morrer junto?

JESUÍNO - De viver junto se tu quiser, tud sabe que tenho recuso pra dois.

OLALIA - Abandonar o Sirvano só depois de morta.

JESUÍNO - Ele tá malito, se ele estica as canela, tu casa comigo?

OLALIA - Fica feio, que o senhor tá meio comprometido no caso.

JESUÍNO - Qual o que, a espera era pro Zeca.

OLALIA - Por falar no Zeca me voltou a idéia, como invejo essa tal com quem  
 ele vai morrer junto, se ao menos tivesse pensado em fazer isso  
 comigo...

JESUÍNO - Zeca até pra morrer atrapalha o resto dos vivente.

OLALIA - É tão bonito morrer junto quando se quer bem...

JESUÍNO - Quem te disse que é bonito morrer? Cada defunto feio que viv  
 nas revolução.

OLALIA - É bonito morrer quando se ama, senão periga deixar de amar e aí  
sim fica tudo feio.

JESUÍNO - Entoces o jeito é não deixar de amar pra não ter vontade de  
morrer.

OLALIA - Mas bem que achou bonito quando se tratava do Zeca e da otra.

JESUÍNO - O causo era deferente. Não quero te lograr, Olalia, se tu faz um  
trato desses comigo, tu perde no menos 30 anos de vida e eu não  
perco nem 10.

OLALIA - Aceito o perjuizo.

JESUÍNO - Mais é que...

OLALIA - Se voltar atrás é porque não me quer.

JESUÍNO - Eu te quero.

OLALIA - Entoces quando chegar na sua casa toma um chimarrão com formicida.

JESUÍNO - Chimarrão não, que um vivente desprevenido pode tomar mate na  
mesma cuia e pronto...

OLALIA - Tome num copo de vidro e quebre depois.

JESUÍNO - Melhorô.

OLALIA - Na mesma hora, eu cá em casa, tomo veneno também e cada um de nós  
pensa no otro...

JESUÍNO - É mi triste. Só de pensar me corre lágrima do zóio.

OLALIA - Faça sem pensar.

JESUÍNO - Tu quer um presente, Olalia, pra varrer essa idéia da cabeça?

OLALIA - Quero que me pormete que não vô morrer sozinha.

JESUÍNO - É custoso, mas já que insiste eu pormeto.

OLALIA - Tenha fé, Jesuíno, no otro mundo a gente se encontra.

JESUÍNO - Será?

OLALIA - (Beija-o) Vá depressinha.

JESUÍNO - Se tu mudar de idéia dá um jeito de me avisar.

OLALIA - Trato é trato. (Jesuíno sai P.D. Olalia fica muito satisfêita como  
quem se livrou de um pesadelo. Caminha até P.E. e chama) Sia Noca!

VOZ DE SIA NOCA - Já vou.

VOZ DE SIRVANO - Olalia (Seu Jesuíno volta do meio do pátio e torna a en-  
trar na P.D.)

OLALIA - (Ao ver Jesuíno fala da P.E. para dentro) Um momentinho, Sirvano.

JESUÍNO - Me alembrei que lá em casa não tem veneno.

SIA NOCA - Entences agfenta o tirão.

OLALIA - Pensando bem, a senhora que me meteu nessa, que dê um jeito de me tirar.

SIA NOCA - Nunca esperei mal agradecimento de ti Olalia...

OLALIA - Não tive tenção de ofender, tou no mais pedindo ajuda, sia Noca.

SIA NOCA - Pra ajudar tou sempre pronta.

OLALIA - Deslinde o causo pra mim. Que o Sirvano usufrua os lucros e eu me livre da carga.

SIA NOCA - Não é fácial. Eles se acham no direito deles.

OLALIA - Fiz um trato na ocasião. O que passa da conta é abuso, não é direito mais.

SIA NOCA - Desmanchar esse enredo na moite sem que Sirvano se aperceba de nada e fazer os dois não reclamar só mesmo dando cabo deles.

OLALIA - -- Daí é que tou danada das tentativa de morre ter falhado. Coitado do Sirvano foi cair na cilada que arnei tão bem.

SIA NOCA - Deixa eu pensar um pouco.

OLALIA - Tome um mate pra clarear as idéias. (Dá o chimarrão para Sia Noca)

SIA NOCA - Só resta mudar de terra. Tou no mais descobrindo um modo de fazer essa mudança sem prejuizo pra vocês e até com lucro.

OLALIA - Quem é que vai querer comprar a parte do Sirvano no rinhadêro e num lugar estranho como tirar proveito dos galê?

SIA NOCA - Não falei em lugar estranho, mudança no causo era perciso que fosse pro Passo do Prince.

OLALIA - Menos mal que com a sua ajuda sempre a gente havia de arranjar alguma proteção.

SIA NOCA - Aí é que tá! Com uma boa proteção, a coisa muda de figura. Lá no Passo do Prince conheço um estanciêro que em dois tempo punha o Sirvano de tratadô de cavalo de corrida, com interesse nas aposta...

OLALIA - É o sonho do Sirvano.... e não morro sem deixar ele não de tratadô mas de dono de uma porção de parelhêro.

SIA NOCA - E ansim tu te livra desses dois.

OLALIA - Carece pensar, que se vou me livrar destes dois que já são conheci-do pra me amprará num estranho...

SIA NOCA - Estranho não que eu conheço ele e afinal de contas uma boa proteção é coisa que não se enjeita.

- OLALIA - E será que ele não vai ficar depois me azucrinando que nem esses?
- SIA NOCA - Jogador profissional não escolhe parceiro.
- OLALIA - Não tou fazendo luxo, só que não quero parceiro que robe no jogo.
- SIA NOCA - O Zeca ou o Jesuíno?
- OLALIA - Os dois. Não vê que já tão pago há muito tempo e continuam aí como se eu não tivesse outra distração senão receber visita...
- SIA NOCA - Quanto a isso eu te garanto que o tal estanciero vai dançar outra música.
- OLALIA - Entonces emçoço a me interessar.
- SIA NOCA - Pois bem, que já que tu começou a endereitar a vida do Sirvano agora é levar a tarefa até o fim.
- OLALIA - Será que o estanciero vai se prontificar a ajudar o Sirvano?
- SIA NOCA - Sei como falar com ele. Ademais tu é uma moça mui linda, Olalia.
- OLALIA - Gracias.
- SIA NOCA - Tu vai te dar bem com ele e te aborrecer poco.
- OLALIA - Deus le ouça.
- SIA NOCA - Não vai poder viver arrodando a tua porta que nem estas duas biscas: é casado.
- OLALIA - Isso é que serve. Eu também sou.
- SIA NOCA - Agora é tratar de convencer o Sirvano de mudar de terra.
- OLALIA - Conto com a sua ajuda.
- SIA NOCA - Pode contar.
- OLALIA - (Ia falar e segura a frase quando vê Sirvano entrar pela P.E. O rosto de Sirvano está marcado de esquimose. Caminha rengueando e com dificuldade. Traz espingarda na mão e a usa como bengala)
- SIA NOCA - (Vendo Sirvano) Tu vai viver com ano, nós tava falando em ti.
- OLALIA - (Apreensiva) Tu te alevantaste!
- SIRVANO - Perciso tirar a limpo quem me fez as espera de ontem.
- OLALIA - (Serve um chimarrão e oferece a Sirvano) Sã Noca tava falando em nós mudar pro Passo do Prince.
- SIRVANO - Ansim tão de improviso?
- SIA NOCA - O cause de ontem me pois de alerta que por essas banda tu tem muito desafeto.
- SIRVANO - Caramba! Agora que vou ser dono de rinhadeiro não posso dar as costas pra sorte.

- OLALIA - Larga a mão disso, a sorte é que nem azar, a gente carrega junto.
- SIRVANO - O caso agora não é de mudança, que antes quero longuear os gajos que me ~~me~~ apegaro onte.
- OLALIA - Isso é gente sorra, Sirvano, tu não vai descobrir quem é.
- SIRVANO - (Larga o chimarrão) Pois vou e já. (Caminha para P.D.)
- SIA NOCA - Toma cobro que tu hoje não tá no teu natural.
- SIRVANO - Conto com o Zeca pra tirar a limpo o caso ~~esse~~ esse.
- OLALIA - Pera uns dia, Sirvano.
- SIRVANO - Não posso deixar o caso esfriar.
- SIA NOCA - (Servindo-se do chimarrão) Deixá-lo ir.
- OLALIA - (Para Sirvano) Tu te agüenta pra caminhar inté lá?
- SIA NOCA - Nunca é demais pedir auchilio do Jesuíno tamém.
- SIRVANO - (Saindo pela P.D.) O Jesuíno tá mais velho que arma do Governo, perfiro contá com o Zeca no mais.
- (No pátio lateral, Sirvano encontra-se com Jesuíno e cumprimentam-se)
- OLALIA - (Para sia Noca) Ele nem quer ouvir falar de mudança.
- SIA NOCA - No final das conta, ele ele que é o maior interessado nos cavalo de corrida, teima em continuar com os galo de rinha proque tu havera de querer mudar?
- OLALIA - Nao fosse por tanto bem querer ao Sirvano, eu largava mão de se preocupar.
- JESUÍNO - (Do lado de fora) Ó de casa!
- OLALIA - (Para sia Noca) O véio tá aí. Nem vergonha tem de não ter morrido.
- SIA NOCA - E tu porque não finge que tá morre morrendo para pegar um susto nele? (Jesuíno bate palmas)
- OLALIA - Vou fazer ele se arrepender de não ter morrido. (Fica meio deitada numa cadeira, revirando os olhos e fazendo os demais trejeitos que imagina faça quem está morrendo)
- SIA NOCA - (Abrindo a P.D.) Chega em boa hora seu Jesuíno, entre logo. A Olalia não tá bem...
- JESUÍNO - (Compreende logo o que deve ter acontecido e entra como que arrependido de ter aparecido por ali. Mas preocupado com a sorte de Olalia) E o que le passa?
- SIA NOCA - Mal comparando, parece rato que comeu veneno.
- JESUÍNO - (Em volta de Olalia) Diacho! Ela tá mui esquisita.

SIA NOCA - O Sirvano ruim como tá, saiu as carreira pra ir buscar um remé-  
dio especial em minha casa.

JESUÍNO - Naquela distância?

SIA NOCA - Que hai de se fazer?

(Olalia faz um gesto chamando Jesuíno para perto. Ele se aproxima)

SIA NOCA - Atende ela, que deve ser algum pedido referente às últimas  
vontade.

JESUÍNO - Ela tá tão ruim ansim?

OLALIA - (Segura a mão dele e finge delírio) Jesuíno, tu cumpriu nosso tra-  
to e tamo passando junto dessa pra mior?

JESUÍNO - Escuita, Olalia...

OLALIA - Foi sia Noca que le troche pra morrer aqui do meu lado?

JESUÍNO - Escuita Olalia, o pó branco que tu me deu era polvilho...

OLALIA - Tu não tá morrendo, tu não cumpriu a promessa?

JESUÍNO - A culpa não é minha.

OLALIA - Sia Noca!

JESUÍNO - Olalia, me perdoe, não foi por gosto.

SIA NOCA - (Aproximando-se de Olalia) Tou aqui mia fia.

OLALIA - Adonde tá o Sirvano?

SIA NOCA - Te aquieta, não demora ele tá aí.

JESUÍNO - (Aflito) Ela tá mal, tá no delírio.

OLALIA - (Para sia Noca) Se o Sirvano não chegar em tempo, fale prele que  
o seu Jesuíno não é o amigo que ele pensa...

JESUÍNO - Tu não pode querê contá isso pro Sirvano, que é o mesmo que  
encurtá meus dia de vida.

OLALIA - Morre e vai me encontrá, Jesuíno...

SIA NOCA - A última vontade é sagrada pra mim...

JESUÍNO - (Para Olalia) Fala, arretira teu pedido pra sia Noca...

OLALIA - Não falo. (Faz um gesto de quem vai morrer)

SIA NOCA - Tá perdendo o fôlego.

JESUÍNO - Não fique aí parada feito um dois de paus. Faça alguma coisa pra  
salvar ela.

SIA NOCA - Ela é tão moça, tão boa de estar viva e vai morrer.

JESUÍNO - Olalia, fala uma palavrinha, arretira o teu pedido. Não me deixa  
na agonia.

SIA NOGA - Quem tá agonizando é ela, homo de Deus.

JESUÍNO - SIA NOGA, tenha dó de mim. Ela tá morrendo, porque me arrastar nessa desgraça?

SIA NOGA - Promessa feita pra defunto tem muito valor.

JESUÍNO - Coitado do Zeca, eu tenho uma pena dele!

SIA NOGA - Pena do Zeca?

JESUÍNO - Que se o Sirvano fica sabendo de mim, eu conto tudo do Zeca, que não vou levar a culpa sozinho.

SIA NOGA - Inda tá respirando!

JESUÍNO - Tá malita a pobre! (Entra Zeca)

ZECA - SIA NOGA, depressa, o Sirvano tá pondo a alma pela boca!

OLALIA - O Sirvano piorou? Adonde tá ele?

JESUÍNO - Tu tava fingindo pra mim?

OLALIA - Me larga!

SIA NOGA - Deixa pegar uma canha com guaco pra levar prele.

JESUÍNO - Dessa vou me vingar.

OLALIA - Suma da frente dos meu zóio (Sai pelo pátio lateral)

ZECA - Perdeste a parada, seu Jesuíno. Ela num quer mais saber de ti.

JESUÍNO - Tu tá mui altuvo porque tu não sabe que se as coisa virar contra mim te levo no arrastão.

ZECA - Ela num tem queixa contra mim.

JESUÍNO - Mas o Sirvano pode ter.

ZECA - Ele é meu sócio.

JESUÍNO - No rinhadeiro, porque no mais ele não sabe. Abusaro co véio, todos vocês mancomunados, que ninguém aqui é meu amigo, pois chegou a hora do arreglo de conta.

ZECA - Quem num deve num teme.

JESUÍNO - Mais tu e todos os demais devem e vão ter que pagar. Vou abaixar a crista de vocês e de vossos falos.

CORTE

ZECA - Como é que disse?

JESUÍNO - Vou construir um rinhadeiro por conta própria, que não me falta os meio. E só por despique, defronte do vosso.

ZECA - Essa é que não. Dois rinhadeiro um defronte do outro é um despropósito.

JESUÍNO - O meu não é pra ganhar dinheiro, é pra liquidar com o teu.

- SIA NOCA - Corre pra atender o Sirvano que eu já vou.
- ZECA - A senhora é que é a curandeira, eu eu tenho que tratar este assunto.
- SIA NOCA - Faz o que te disse, que o resto sei arrrsolver melhor que tu, que o Sirvano e uma penca de vocês junto.
- ZECA - Seja (Sai)
- JESUÍNO - Não tou desposto a voltar atrás ão que disse.
- SIA NOCA - Ninguém tá pedindo pra voltar atrás. O senhor tem ãoã razão. Essa moçada é mui desrespeitosa.
- JESUÍNO - Sia Noca, ~~sa~~ sempre le tive na mais alta conta, mais aposto e não perco, que tava sabendo mui bem que a comadre Olalia, não sei por que artes, queria me fazer crer que tava moribunda.
- SIA NOCA - Pois no meu entender, dava ola por morta.
- JESUÍNO - E ressurgiu ansim de improviso, quando ouviu falar ~~qua~~ o marido tava ruinzóte?
- SIA NOCA - Esses causo num é difícil de acontecer.
- JESUINO - Pois é a primeira vez que vejo semelhante coisa.
- SIA NOCA - É que o senhor não tem prática de lidar com doente, que nem eu.
- JESUÍNO - Entõces é mui usual, que os moribundos saiam correndo mais que os são, de alguém carecer dos préstimo dele?
- SIA NOCA - Não é bem o causo, mas lá uma veiz o otroa a natureza pode reagir e o fôlego que tava largãdo o corpo, encarna otra vez e o vivente se refaz.
- JESUÍNO - Já vi muita coisa na vida pra começar a aprender agora.
- SIA NOCA - No seu causo particular, acho inté que era pra tá bem sastifeite com a ressureição da Olalia e não com essa lenga-lenga puxando pé de briga com o Zeca e duvidando da mia palavra.
- JESUÍNO - Não me fale do Zeca, que dele vou me vingar. Faço um rinhadeiro bem defronte do dele e arrebento com os dois. E a comadre Olalia vai sofrer e vai me pagar o que me fez.
- SIA NOCA - Se ~~se~~ quer vingar otro truque. Prejudicar o rinhadeiro deles é o mesmo que dá nó cego na maizade dos dois.
- JESUÍNO - Quando iniciar os perjuizos começa a desavença.
- SIA NOCA - Mas se o seu intuito é fazer a Olalia sofrer, afasta o Sirvano ão Zeca, isso sim é que vai ser vingança.
- JESUÍNO - Contra quem?

SIA NOCA - Contra a Olalia. Perder a sua amizade e a do Zeca de um só golpe, pensa que não vai doer no orgulho dela?

JESUÍNO - Sei lá!

SIA NOCA - Compre a parte do Sirvano no rinhadeiro e vai ver.

JESUÍNO - Ser sócio do Zeca não me tenta. (Entra Sirvano com a espingarda na mão, no pátio lateral)

SIRVANO - Eu mate esse véio antes que ele repita isso.

OLALIA - Dá a espingarda pro Zeca matar, já que foi ele que ouviu a conversa.

ZECA - Não conheço o manejo dessa arma.

OLALIA - Valentia só na prosa.

ZECA - (Referindo-se à espingarda) Isso é arma de matar passarinho... Espera Sirvano, que vou pegar meu revólve em casa. (Sai rápido para o fundo do pátio)

SIRVANO - (Caminhando para a P.D.) De matar passarinho? Pois tu vai ver como dou cabo dele? (Entra na sala, apontando a espingarda para seu Jesuíno)

(Olalia tenta dissuadir Sirvano, querendo tomar-lhe a arma)

OLALIA - Não comete um desatino destes, Sirvano.

SIA NOCA - Pronto, seu Jesuíno, queria barulho, aí tá formado o bochicho.

SIRVANO - (Para Jesuíno) Arretira ou não arretira o que disse?

JESUÍNO - Não le entendo, compadre.

SIRVANO - Não se faça de troxa que le passo o chumbo.

(Jesuíno esconde-se atrás de sia Noca)

SIA NOCA - Calma Sirvano, que não tou aqui pra virar peneira. (Empurra Jesuíno) Me solta home!

JESUÍNO - Se le solte morro aqui sem habér porque.

SIA NOCA - Desembucha Sirvano, o que tu tem contra ele?

SIRVANO - Solte a sia Noca, seu Jesuíno.

JESUÍNO - Premero entrega a arma aí pra comadre.

SIRVANO - Essa é que não.

SIA NOCA - Vai ficar nesse chove não molha, Sirvano?

OLALIA - B\_ueno, se ninguém quer contar, conto eu.

JESUÍNO - Ngo conte nada comadre...

SIA NOCA - É mior não contá.

SIRVANO - Se o senhor não quer que conte é porque sabe que sei, mas a coisa não vai ficar por isso mesmo.

JESUÍNO - Tá bom, Sirvano, eu não sei o que tu quer, mas arretiro o que disse.

SIRVANO - (Larga a espingarda) Eu sabia que o senhor desistia de construir o rinhadeiro defronte do nosso.

SIA NOCA - (Libertando-se de Jesuíno) A briga era por isso? E o seu Jesuíno aqui com uma proposta de premera pra fazer pra ti, Sirvano!

SIRVANO - Não me interessa.

OLALIA - Escuita, que pode ser alguma coisa que se aproveite.

SIRVANO - (Para Jesuíno) Então deixe de tremelique e desembuche o que tem a dizer.

JESUÍNO - Qual era a mia proposta, sia Noca?

SIRVANO - Diacho de proposta é essa que o senhor não sabe qual é?

JESUÍNO - Tou um pouco nervoso... Pere aí que já me alembro.

OLALIA - Tome um gole d'água.

JESUÍNO - Gracias. (Bebe a água)

OLALIA - Microu?

JESUÍNO (Para sia Noca) tou quase acreditando que tudo foi de veras e não houve finimento.

SIA NOCA - Não le díssel.

SIRVANO - Dexe de lorota.

SIA NOCA - Faça a porposta, home.

JESUÍNO - Mais se tudo foi sem maldade, a porposta vai virá contra quem não meréce castigo.

SIA NOCA - Faça ser medo que no fim tudo se arranja e os bons recebem o prêmio de sua bondade e os maus o castigo de seus desmando.

OLALIA - Gracias, aqui só tem gente boa.

SIRVANO - (Pega a espingarda) Vai precisar que le ameçe pra falar, home de Deus, que fica aí nesse ata nem desata que me bole os nervo.

JESUÍNO - (Escuda-se na Olalia) Me proteja comadre.

SIRVANO - A Olalia não! Seqquer se escudar em alguém, peque a sina Noca.

SIA NOCA - É assim, é? A mia pele vale menos que a da tua mulher?

SIRVANO - Nao é o caso, o que não gosto é que home, seja quem for, bote as mãos na Olalia.

JESUÍNO - Tou garrando a comadre com todo o respeito, Sirvano.

SIRVANO - Mais é micr largar.

SIA NOCA - (Voluntariamente coloca-se no lugar de Olália) Chega pra lá, mia fia, que o teu marido é mal cimento.

SIRVANO - Agora, seu Jesuíno, de uma vez por todas faça a sua porposta.

SIA NOCA - Abaixa essa espingarda que o seguro morreu de véio.

SIRVANO - (Abaixa a espingarda, mas continua segurando-a) Pois seja.

JESUÍNO - Decedi comprar a tua parte no rinhadeiro.

SIRVANO - Essa porposta tem água no bico.

JESUÍNO - Seja como for não é nada contra ti...

SIRVANO - Entences contra o Zeca?

JESUÍNO - Tu vende ou não a tua parte?

SIRVANO - O Zeca é meu sócio e pra não prejudicar ele sustento até o fim a palavra empenhada.

OLALIA - (Para Sirvano) Te alembra que o padrinho do guri é o compradre Jesuíno.

SIRVANO - O Zeca é o padrinho de crisma.

OLALIA - Inda não crismou e se houver percisão de convida otro.

SIRVANO - Por que havéra de haver?

JESUÍNO - Faz preço, Sirvano, pela tua parte na sociedade.

SIRVANO - A mia parte não tá a venda.

OLALIA - Aproveita Sirvano, a paga o favor que o seu Jesuíno te fez na hora do aperto, que no final das conta se o Zeca se mostrou amigo, deixando entrar na rinha um galo estranho, o galo que entrou foi do seu Jesuíno...

SIRVANO - Se o favor foi pra endireitar a mia vida, não vai reverter em entortá-la de veiz.

SIA NOCA - Vende enquanto há quem compre, Sirvano que se o seu Jesuíno toma por capricho fazer o rinhadeiro defronte...

SIRVANO - (Aponta a espingarda para Jesuíno) Termina com a pretensão dele.

JESUÍNO - (Escondendo-se atrás de sia Noca) O Zeca no teu lugar passava tudo nos sobre num abri e fechar de zóis.

OLALIA - Lá isso fazia...

SIRVANO - Duvido que me deixasse em maus lençóis.

OLALIA - Vamos tirar a limpo?

SIRVANO - De que jeito?

OLALIA - Fazendo seu Jesuíno percurar ele com a porposta de que te fez.

(Sia Noca sai silenciosamente pela P.D. e toma o caminho do fundo)

JESUÍNO - Bem pensado, a comadre tem boa cabeça.

SIRVANO - Não me fio na palavra deste aqui. (Refere-se a Jesuíno) Mesmo que o Zeca negue o estribo ele vai afirmar o contrário.

JESUÍNO - Entences a comadre faz a mediadora da poposta.

OLALIA - (Dando uma ajeitada no cabelo) Esperem aqui que me tóco à procura do Zeca agorinha já (Dirige-se para P.D.)

SIRVANO - Calma, mulher. Mesmo que o Zeca fique tentado não vai declarar pra ti que vende a parte dele me prejudicando.

JESUÍNO - Sabe-se lá!

OLALIA - Eu sei como tratar o caso.

SIRVANO - O Zeca vai se dar por achado que é cilada.

OLALIA - Se quiser eu conto prele que nós brigamo e vai daí eu quero arrazar a tua vida.

SIRVANO - (Alarmado) Olalã! Nem de fingimento poso aceitar que tu pense em ficar brigada comigo, inda mais contrar isso pro Zeca que foi teu naomrado no teu tempo de soltera.

OLALIA - Tá bom, Sirvano, tu não quer eu não vou.

SIRVANO - Olalia, tu me aborreceu deveras.

JESUÍNO - Deixa isso Sirvajo, foi só na tenção de te auxiliar.

SIRVANO - Em mulher até o pensamento já é pecado.

OLALIA - Ora Sirvano, já não tá qui quem falou.

SIRVANO - Me preocupa esse pensamento.

JESUÍNO - Longe de mim querer ser motivo de desentandimento de um casal inda mais de dois que viva como os anjo.

OLALIA - A culpa não é sua.

SIRVANO - Diacho, como fui esquecer todo esse tempo que o Zeca foi namorado da Olalia quando soltera e me ligar de tal forma com esse tipo.

JESUÍNO - Tá no tempo de desligar, larga de mão da sociedade.

OLALIA - Tu disse a verdade, Sirvano vai daí porque eu tava sempre a querer te afastar do Zeca.

SIRVANO - (Ciumento) Ele anda te rondando?

(Jesuíno faz um gesto que Olalia negue, pois tem medo da própria situação)

OLALIA - Não é o caso.

SIRVANO - Pode falar (Bastilha a espingarda) que desmancho a sociedade é por morte de um dos sócio.

OLALIA - Ele nunca me faltou com o respeito.

SIRVANO - Mior prele (Baixa a espingarda)

JESUÍNO - E se nós arranjasse otro mediador do negócio?

SIRVANO - Como é que disse?

JESUÍNO - Alguém que fosse em meu nome paper a compra da parte do Zeca no rinhadeiro?

SIRVANO - Isso espalha que nem rastilho de pólvora, logo corre que a proposta é só pra sondar.

JESUÍNO - É preciso que o mediador seja de confiança de nós dois.

SIRVANO - De confiança pra mim, afóra eu mesmo, só a Olalia.

OLALIA - Gracias.

SIRVANO - Não carece agradecer, tu merce.

JESUÍNO - A comadre é uma santa no altar.

SIRVANO - Prá elogiar mia mulher, chega eu.

JESUÍNO - Não disse por mal.

SIRVANO - Tou só pervejando.

OLALIA - Achei.

SIRVANO - Tu tinha perdido algo?

OLALIA - Achei quem pode servir de mediador em toda confiança.

JESUÍNO - Venha de lá.

SIRVANO - Quem é o cujo?

OLALIA - SIA NOCA.

JESUÍNO - Bem pensado.

SIRVANO - Aonde tá ela?

(SIA NOCA entra no pátio, seguida por Zeca que tra o revólver na mão)

SIA NOCA - Em vez de reclamar tu deve agradecer o meu serviço.

ZECA - Inda há pouquinho o home tava no melhor dos mundo comigo.

SIA NOCA - O diacho é que palavra puxa palavra e de improviso ele entendeu tudo.

ZECA = Assim sem mais aquela? Alguém deve ter falado e esse vai se haver comigo (Mostra o revólver)

SIA NOCA - Aquieta, Zeca, que no caso o marido ofendido é o Sirvano e não tu.

ZECA - Ou ele me mata ou eu mato ele.

SIA NOCA - Ninguém mata ninguém. Tu vai ter só no mais de fazer o que te digo.

ZECA - Que venha de lá.

SIA NOCA - Para evitar falatório é preciso o Sirvano mudar de terra.

ZECA - E a Olalia?

SIA NOCA - Esquece ela.

ZECA - Entences o que é que tou fazendo aqui?

SIA NOCA - O Sirvano vendeu a parte dele no rinhaeiro e tu vai ter que acertá o Jesuíno de sócio.

ZECA - Nunca. O Sirvano que se arranje doutra maneira.

SIA NOCA - Pra ti não tem escolha. Ou tu aceita o Jesuíno de sócio ou tu arrisca a pele.

ZECA - (Avança a porta) Vou por isso em prato limpo

SIA NOCA - (Setuindo) Tá maluco de vez! Não toca no assunto. Faz de conta que tu não sabe que o Sirvano tomou conhecimento do acontecido.

ZECA - Mais essa!

SIA NOCA - Respeita o orgulho do home.

ZECA - O que não tem remédio, remediado fica.

(Olalia e Jesuíno saem pela P.D. - Sirvano fica na sala preocupado e marcando o ritmo de seus mensamentos com as batidas da espingarda no chão)

JESUÍNO - (Para sia Noca) Nós ia le percurá.

OLALIA - (Para sia Noca) Adivinhou nosso pensar, já troche o Zeca consigo.

ZECA - Tavam carecendo de mim, é?

SIA NOCA - (Para Zeca) Te aquieta, que tu já sabe o que disse...

ZECA - (Para Olalia) O Sirvano tá mui zangado?

JESUÍNO - Tá furioso, chegou até a desconhecer a mim, seu compradre, que nunca le vi tão fora de seu natural.

SIA NOCA - Quanto menos vocês falar mior e em certos assuntos não convém nem tocar.

OLALIA - (Para sia Noca) Tenho um particular com a senhora.

SIA NOCA (Para os homens) Tapem os ouvidos vocês aí.

ZECA - Cochichar na frente dosotros não é de boa educação.

SIA NOCA - Tu tá querendo saber demais. Tapa os ouvido e fica quieto.

JESUÍNO - Eu por mim já tapei os meu.

(Zeca tapa os ouvidos)

SIA NOCA - (Para Olalia) O que é ?

OLALIA - O Sirvano le pede sondar se o Zeca vender a parte dele no caso de uma posposta que le conviesse.

SIA NOCA - Desculpa mia fia mais o teu marido é um idiota.

OLALIA - Não admito que falem mal do Sirvano na mia frente.

SIA NOCA - Me precavendo, antes de abrir a boca, já pedi desculpa.

ZECA - O segredo é muito comprido?

SIA NOCA - (Para Zeca) Cala a boca! (Para Olalia) Quando vocês vem vindo eu já vou voltando, resolvi tudo. O Zeca aceita o Jesuíno de sócio.

OLALIA - Que peso me tira das costas. Gracias.

SIA NOCA - (Grita para eles) Podem destapar os ouvidos. (Zeca obedece)

OLALIA - (Referindo-se a Jesuíno) Acho que além de tudo o mais inda tá surdo.

SIA NOCA - (Tira as mãos do seu Jesuíno dos ouvidos) Teja a gosto.

JESUÍNO - Entonces?

SIA NOCA - Tá tudo claro. Só falta vocês dois acertar os termo de negócio.

ZECA - Falta a presença do Sirvano. (Faz menção de entrar na casa)

SIA NOCA - Te entende com o seu Jesuíno. Deixa que do Sirvano me encarrego eu.

OLALIA - (Para sia Noca) Quer que eu le acompanhe?

SIA NOCA - Não carece. O teu marido tá mui nervoso e eu sei como tratar dele.

OLALIA - Entrego nas sua mão.

SIA NOCA - Em dois tempo desolvo ele. (Para Zeca) Toma ~~uma~~ tento com a língua. Só fala em negócio e evita tocar outros assuntos.

ZECA - Tá bem. (Sia Noca entra pela porta direita)

SIRVANO - Os otros foram le percurá.

SIA NOCA - Tá tudo entendido: tu vai recomeçar otra vez, com mais sorte ainda.

SIRVANO - Qualquer preço que o Jesuíno pague tá mal pago, o rinhadeiro valia pela sastifação que me dava.

SIA NOCA - Cavalo de corrida não é melhor?

SIRVANO - Pensa que dá pra tanto o que ele vai pagar?

SIA NOCA - E as mias relações não vale nada?

SIRVANO - Como que disse?

SIA NOCA - Muda pro Passo do Prince e tu vai vê se dei jeito em ti...  
quando apareceste gaudério, pedindo pousada no meu rancho...

SIRVANO - Nós dois otra vez!

SIA NOCA - Tu nunca deixou de gostar de mim...

SIRVANO - Tenho lutado contra essa tentação pra não dar um desgosto pra  
Olalia...

SIA NOCA - Ela tem mais que fazer do que pensar nisso. De nós dois, nem  
Deus no déu desconfia.

SIRVANO - Sennão redunda em perjuízo da Olalia, nada me impede de aceitar  
os cavalo de corrida...

SIA NOCA - Sirvano tu tá deixando de ser guri.

SIRVANO "Pode chamar os mais.

SIA NOCA - (Da porta) Venham que tá tudo acertado.  
(Jesuino e Zeca entram pela P.D.)

ZECA - Menos mal.

JESUINO Folge em saber.

SIA NOCA - Vocês dois é que foram feito pra uma sociedade.

SIRVANO - Adonde tá a Olalia? (Dirige-se para a P.D.)

SIA NOCA - Deixa que eu vou. (Sai pela P.D.)

SIRVANO - (Tira a garrafa e os copos do armário) Vamo servi uma rodada  
pr a comemorar.

JESUINO - Mais vale ansim.

(No lado de fora)

OLALIA - (Antes de entrar na P.D. indaga da sia Noca) E lá no Passo do  
Principe se pode contar como coisa certa com o estanciêro aquele  
criador de ~~uma~~ cavalo de corrida?

SIA NOCA - (Entrando) Olalia, tu como mulher dedicada não se encontra  
outra igual.

JESUINO, ZECA e SIRVANO - (Em resposta a sia Noca) - A Olalia é uma esposa  
perfeita.

OLALIA e SIA NOCA - O Sirvano merecer, é um marido exemplar.

FIM

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fones: 226-0242 - CEP 90020-025